

JORNAL DA BARÃO

‘É como pilotar um avião com tecnologia dos anos 70’, diz prefeito Ricardo Silva sobre a realidade em Ribeirão Preto



Prefeito Ricardo Silva durante entrevista exclusiva para o Jornal da Barão.

Com pouco mais de cinco meses à frente da Prefeitura de Ribeirão Preto, Ricardo Silva (PSD) atua em um cenário de demandas acumuladas na infraestrutura da cidade. Aos 39 anos, o ex-deputado federal assumiu o cargo após vencer uma eleição acirrada, com uma diferença de apenas 687 votos no segundo turno.

Nesta entrevista exclusiva ao Jornal da Barão, o prefeito fala sobre os primeiros impactos da sua gestão, as dificuldades de modernizar a máquina pública — que compara a “pilotar um avião com tecnologia dos anos 70” — e as estratégias para driblar as limitações do orçamento enquanto busca melhorar os serviços básicos para a população. (Pág. 8)

Não-monogamia propõe novos caminhos para o amor

Quando se fala em não-monogamia, muita gente imagina liberdade sexual, descompromisso ou simplesmente o desejo de ter mais de um parceiro. Mas, para quem vive esse modelo de relacionamento como prática política, a não-monogamia é uma forma de questionar valores tradicionais sobre amor, posse, exclusividade e família. (Pág. 17)

A reitora que derrubou paradigmas e paredes



Valéria Tomás de Aquino durante entrevista ao jornal da Barão de Mauá

Valéria Tomás de Aquino Paracchini nasceu na pequena cidade de Palestina, no interior de São Paulo. De família humilde, seus pais não tiveram a oportunidade de estudar e não podiam arcar com os custos da faculdade da filha. Mesmo assim, Valéria

nunca deixou de sonhar e lutar por seus objetivos. Desde cedo, mostrou determinação e vontade de aprender. E foi assim que a atual reitora do Centro Universitário Barão de Mauá quebrou a primeira parede e superou todas as dificuldades. (Pág. 22)



Catedral Metropolitana de Ribeirão Preto

Restauração da Catedral de Ribeirão Preto entra em nova fase após mobilização da comunidade

Após quase uma década desde os primeiros laudos técnicos que apontaram patologias estruturais em suas fundações, a Catedral Metropolitana de Ribeirão Preto avança para uma nova etapa de sua restauração. Com mais de 107 anos de história, o edifício, um dos mais emblemáticos da cidade, passa por um meticuloso processo de reforço estrutural e preservação artística. (Pág. 19)



Idosa durante sessão de fisioterapia

Aplicativo ajuda na reabilitação após AVC

Uma tecnologia desenvolvida em trabalho conjunto entre pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto e São Carlos promete contribuir para a reabilitação de pacientes que sofreram Acidente Vascular Cerebral (AVC), melhorando a qualidade de vida.

O aplicativo monitora a postura corporal com o celular encaixado em um colete acoplado à roupa dos pacientes, informa e corrige o alinhamento do corpo por meio de comandos de voz, vibrações e imagens. (Pág. 14)



Carol Caliarí CEO da startup In Situ

Mulheres são maioria na liderança de startups em Ribeirão Preto

O crescimento das startups na Região Metropolitana de Ribeirão Preto vem chamando atenção nacional e parte desse avanço tem rosto feminino. Segundo o 6º Mapeamento do Ecossistema de Inovação da região, realizado pelo SUPERA Parque, 30,6% das startups ativas possuem fundadoras mulheres, enquanto a média brasileira é de 19,2%, de acordo com a ABStartups. (Pág. 16)

EXPEDIENTE

O Jornal da Barão é uma publicação produzida pelo curso de Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá.

REITORA

Profa. Ma. Valéria Tomás de Aquino Paracchini

VICE-REITOR

Prof. João Alberto de Andrade Velloso

PRÓ-REITOR ADMINISTRATIVO

Antonio Augusto Abbari Dinamarco

PRÓ-REITORA DE ENSINO E INOVAÇÃO

Profa. Ma. Patrícia Rodrigues Miziara Papa

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Prof. Me. Thiago Henrique de Moraes

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Felipe Ziotti Narita

COORDENADORA DO CURSO DE JORNALISMO

Profa. Dra. Carmen Silvia Porto Brunialti Justo

PROFESSORES RESPONSÁVEIS

EDIÇÃO, COORDENAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Prof. Dr. Lucas Arantes Zanetti

EDIÇÃO DE ARTE

Prof. Me. Márcio Huertas

EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA

Prof. Dr. Jefferson Barcellos

PRODUÇÃO

REPORTAGEM, DIAGRAMAÇÃO E FOTOGRAFIA

Ana Beatriz Silva de Mendonça, Amanda Yumi de Carvalho, Arthur Reis Theodoro, Beatriz de Souza Duz Tavares, Isabella Capuzzo de Sousa, Jeniffer Aparecida de Souza Santos, João Paulo Menezes Lodetti, Júlia Burian Paula, Murilo Antunes Mendonça, Nilson Gonçalves da Mota Júnior, Tauany Ferreira Silva e Victor Marcelo Germano.

APOIO E IMPRESSÃO

Gráfica e Editora São Francisco

www.saofranciscograf.com.br

Impresso em papel offset alta alvura 63g



Unidade de Comunicação,
Negócios e Tecnologia

R. José Curvelo da Silveira Jr., 110,
Jd. Califórnia, Ribeirão Preto (SP)
Tel.: (16) 3602-8200

Jornal da Barão na internet:

jornalismo.baraodemaua.br

www.youtube.com/@cursodejornalismodabaraode8508

Instagram: @comunicacaobaraodemaua

VOCÊ É O
QUE VOCÊ
ESCOLHE



5 CONCEITO
MÁXIMO
NO MEC

VESTIBULAR 2026

25. OUTUBRO

Faça a prova ou use a nota
do ENEM ou o Certificado IB

INSCREVA-SE
BARAODEMAUA.BR

EDITORIAL

O jornalismo impresso (re)existe!

JOÃO PAULO MENEZES

Com o avanço da tecnologia e a consolidação dos meios digitais, a maneira como consumimos notícias mudou totalmente. Em um momento em que as informações chegam pelo celular antes mesmo de levantarmos da cama, ser desafiado a produzir um jornal impresso pode parecer uma ideia atrasada. Mas foi exatamente essa a proposta que recebemos neste semestre: criar uma edição completa para ser impressa em papel e distribuída para a comunidade de Ribeirão Preto e região.

O trabalho foi dividido em três ciclos, onde nos revezamos entre as funções de pauteiros, repórteres e editores em giro colaborativo. Essa experiência nos permitiu compreender melhor a dinâmica de uma redação e nos colocou frente a frente com a essência do jornalismo, da definição da pauta até a edição final, passando pela apuração criteriosa, pelos prazos obrigatórios e pelas dificuldades diversas que foram surgindo durante o processo.

Cada etapa apresentou suas particularidades. Nas reuniões de pautas, por exemplo, tivemos que entender como nossas ideias poderiam ser abordadas de uma forma viável e, ao mesmo tempo, relevante para o público leitor.

As fases da apuração e desenvolvimento das matérias foram as que mais exigiram dedi-

cação. Agendar as entrevistas, insistir quando não tínhamos respostas e, ao mesmo tempo, manter a ética foi um grande desafio. Algumas fontes foram mais resistentes do que as outras e, com isso, percebemos como um bom relacionamento profissional pode fazer a diferença.

Apesar de estudarmos as técnicas durante as aulas, nem todos os alunos têm facilidade para escrever um texto jornalístico. Colocar as informações e as falas das fontes no papel de forma clara, relevante e fiel aos fatos, exigiu muito mais do que se imagina. Por isso, o trabalho de revisão do professor foi imprescindível para alcançarmos nosso objetivo.

Por fim, o trabalho de edição garantiu a correção dos erros antes do fechamento, permitindo a diagramação das páginas com cada texto, imagem, infográfico, box e todos os elementos que um bom jornal deve ter. Ver o jornal finalizado nas mãos das pessoas e saber que cada detalhe foi pensado com cuidado é uma sensação de orgulho.

Atualmente, a notícia corre com o entretenimento, com o algoritmo e com o tempo escasso do leitor, a digitalização mudou não apenas o meio, mas a lógica da informação e como ela é consumida e difundida. No entanto, isso não significa que o impresso tenha perdido

seu valor.

O jornal impresso é diferente, ele exige atenção à clareza, à precisão e à relevância. Um erro de digitação ou uma informação imprecisa não podem ser corrigidos com um clique, como no digital. O material que vai para a gráfica precisa estar pronto e revisado, o que exige comprometimento com cada passo da produção. Mais do que um produto final, o impresso ensina sobre responsabilidade e respeito com o leitor.

Acreditamos que o Jornal da Barão tem o poder de formar jornalistas mais preparados e críticos para o mercado e, ao mesmo tempo, entregar à sociedade um conteúdo pensado, relevante e humanizado, valorizando a nossa região. E o melhor, de forma acessível e gratuita.

A vida acadêmica costuma ser uma mistura constante de expectativas, frustrações e surpresas. Mas experiências como essa, que realmente nos tiram da zona de conforto, fazem todo o processo valer a pena. Além disso, um trabalho como esse pode ser usado como uma grande vitrine para futuras oportunidades.

O jornalismo não morre com o papel, ele apenas se adapta. E, como estudantes, nosso papel é entender tanto as raízes quanto os novos caminhos da profissão, afinal, "Nunca se leu tanto jornal".

TIRINHA

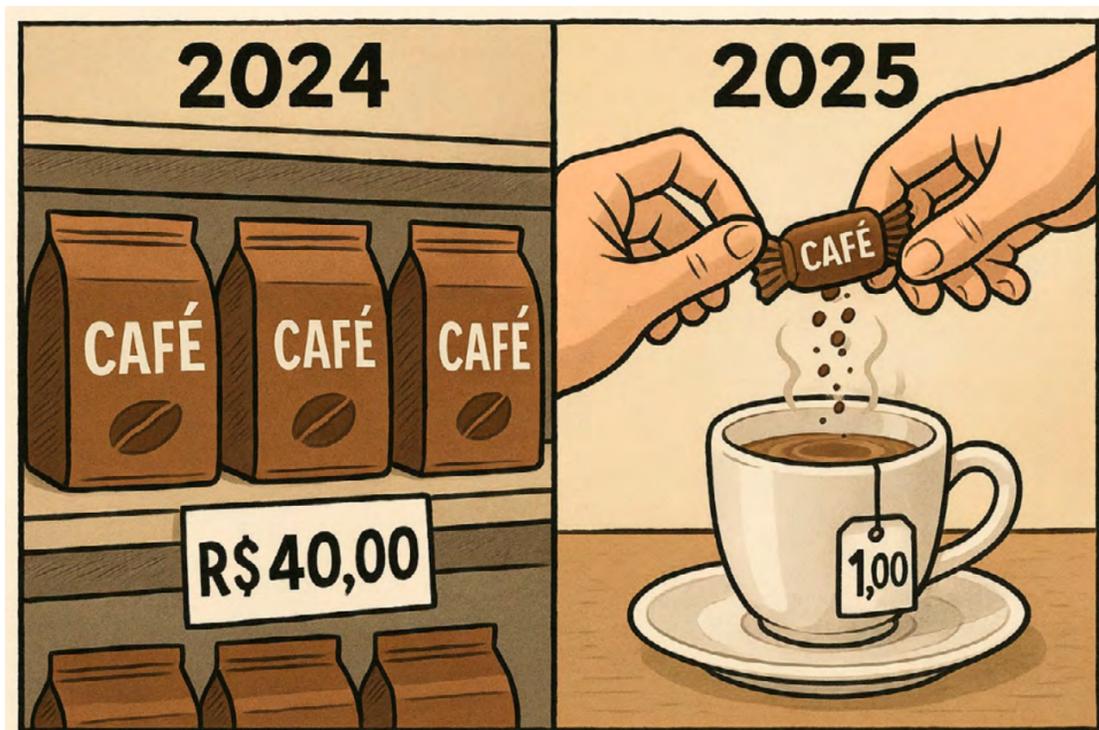


Ilustração: Juan Salaroli

ESPAÇO DO POVO

Os repórteres do Centro Universitário Barão de Mauá foram para as ruas e conversaram com a população para descobrirem as necessidades urbanas e opiniões dos cidadãos de Ribeirão Preto e região

Você se lembra da primeira vez que teve contato com alguma tecnologia diferente, como rádio, TV ou telefone fixo? Como foi isso?

Kátia Maria Simões, 68 anos, aposentada

Eu me lembro de um dia ter ido na casa da madrinha de minha mãe e ela tinha um telefone. Chegando lá, ela precisou sair um pouquinho, e disse para eu atender caso tocasse. Ela saiu e o telefone tocou, mas eu não atendi, era criança, acho que tive vergonha ou medo.

Já um pouco mais velha, meu marido trabalhava no Magazine Luiza, e quando surgiu a TV a cores fui presenteada com uma, foi uma maravilha, uma felicidade imensa, pois eu era uma das únicas da família a ter uma TV colorida, não dava nem vontade de sair de casa.

Você acha que o brasileiro se preocupa com o meio ambiente no dia a dia?

Lucas Fonseca Silva, 24 anos, universitário

A gente vê que tem uma consciência maior hoje em dia, principalmente entre os mais jovens, mas o comportamento do dia a dia nem sempre acompanha isso. Falta incentivo, educação ambiental desde cedo.

Como foi a experiência de assistir ao show do Luan Santana no Ribeirão Rodeio Music pela primeira vez, após 10 anos sem ele se apresentar em Ribeirão Preto?

Maria Eduarda Neves de Campos, 20 anos, social media

Assistir ao show do Luan Santana no Ribeirão Rodeio Music, depois de dez anos de seu último show na cidade, foi como reviver uma parte muito especial da minha infância. Luan não é apenas um cantor — ele é trilha sonora de momentos que marcaram minha vida e a de tantas outras pessoas.

Vê-lo ali, ao vivo, pela primeira vez, foi algo que tocou profundamente o coração. Luan entregou tudo de si: desde as músicas, figurino, cenário e presença de palco, o espetáculo envolvia o público no universo da sua carreira. Foi como se ele nos levasse, por algumas horas, de volta no tempo — e fez disso um dos melhores shows da minha vida.

Você vê alguma mudança na cidade com essa nova gestão?

Júlio César, 46 anos, motorista de aplicativo

Sim. A nova gestão mudou duas coisas que eu reparei, falando como motorista de aplicativo. Primeiro, o terminal rodoviário: antes tinha muitos moradores de rua por lá, e agora não tem mais. Colocaram segurança e até policial para evitar isso.

Segundo, a fachada das Palmeiras foi pintada, e a praça ao lado agora tem guarda municipal 24 horas. Não se vê mais moradores de rua ali. Hoje, se você passar por lá com uma bolsa, por exemplo, não corre o risco de ser assaltado.

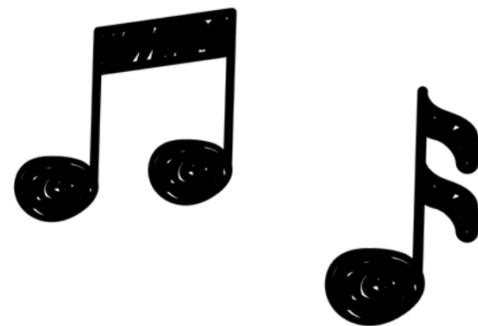


Quem é o maior culpado pela campanha ruim do Botafogo-SP na Série B?

Enrico Lima, 19 anos, instrutor de curso

É verdade que o elenco tem grande responsabilidade pela má fase, mas a diretoria também precisa ser cobrada. O desmanche promovido após o Paulistão e as contratações questionáveis, com muitos jogadores sem experiência na Série B, vindos de campeonatos estaduais, além de atletas com mais de 30 anos.

Eles comprometem o desempenho da equipe. Desde o fim do estadual, o time não apresenta um futebol competitivo ou minimamente consistente



Por que tem tanto buraco nas ruas do bairro ultimamente?

Maria de Fátima Oliveira, 63 anos, dona de casa

Acho que é falta de manutenção mesmo. A chuva vai desgastando o asfalto, e como a prefeitura demora pra consertar, só piora. Devia ter um plano mais rápido de reparo na minha opinião.

Existe algum problema na sua cidade que é um problema urgente para a população e não é resolvido?

Rinaldo Soares Paula, 54 anos, autônomo

Vejo muito problema na saúde pública de São Joaquim da Barra, ainda mais na questão dos remédios que são disponibilizados gratuitamente, ainda mais os de alto custo. Tem mês que eles tem e tem mês que não tem, sem nenhum aviso prévio.



Como corinthiano, o que você acha do Yuri Alberto?

Edison Santos, 58 anos, representante comercial

Como corinthiano, eu acho que ele é um jogador que joga pelo time e tem altos e baixos. Eu acho que ele é um jogador perfeito para o Corinthians. Aliás, ser corinthiano é isso: ser um bando de louco. Vai, Corinthians!"

Qual é a sua opinião sobre o trânsito aqui em Ribeirão Preto?

Heloísa Bernazani, 23 anos, auxiliar de escritório

Acho que o trânsito na cidade é um problema que atrapalha demais o dia a dia das pessoas. Tenho que sair mais cedo de casa para não chegar atrasada no trabalho, quando ocorre algum acidente ou obra fica ainda mais difícil. Acredito que a nova gestão deve olhar com atenção para essa questão na cidade."

Você acredita que com essa correria de trabalho, faculdade, estrada, hora, pressão, a rotina de um estudante que trabalha, afeta o seu psicológico?

Vinícius Gabriel, 20 anos, servidor público

Com certeza. A exaustão, além de física, é mental também, sem dúvidas alguma. Eu até brinco com os meus familiares que você acaba não tendo paz nem na hora do seu almoço, que é a hora que você tem para sentar quieto, mas não consegue.

Mas com a rotina você está tão exausto que acaba dormindo, e também existem outros fatores externos, como conversa, gritaria, barulho, trânsito, que você não consegue focar o mínimo possível.

Sua opinião sobre a Copa 2026 com o comando do Ancelotti na Seleção

Victor Hugo Fernandes, 20 anos, jornalista

O Ancelotti analisa muito bem as peças que ele tem no elenco e sabe colocar os melhores jogadores que ele tem no elenco para eles renderem junto. Estou completamente ansioso para a convocação e para os próximos amistosos.

Qual a sua opinião sobre a tecnologia?

Fernando Morgado, 30 anos, estudante

Eu vejo a tecnologia como uma ferramenta poderosa que pode melhorar nossas vidas de muitas maneiras. Ela facilita a comunicação, otimiza processos e abre novas oportunidades. Mas acho que a ideia de que ela vai nos substituir é um pouco exagerada.

Entre cones, pedras, caos e promessas. As obras no centro vão ter fim?

AMANDA YUMI

Toda cidade tem suas marcas registradas. Algumas são conhecidas pelos monumentos, outras pela gastronomia. A Califórnia brasileira, além do chopp e do calor escaldante, vem colecionando um novo símbolo: as obras inacabadas. Espalhadas pelos bairros, elas formam um verdadeiro museu a céu aberto da incompetência administrativa.

Quem nunca passou pela Nove de Julho desviando dos cones esquecidos e das pedras soltas pelo chão, que já viraram parte da paisagem? Em Ribeirão, canteiros de obras se tornam pontos turísticos involuntários. A rua São José, ponto de grande movimento comercial, hoje carrega as marcas de uma obra que começou, mas nunca foi concluída. Quem trafega por ali todos os dias se depara com ruas parcialmente bloqueadas, calçadas que estão longe de ser terminadas e o transtorno

causado pela falta de planejamento adequado.

Além disso, a situação dessas ruas fica ainda mais complicada.

O sistema de drenagem, que deveria ser uma solução, muitas vezes não dá conta, e a água se acumula nas ruas e calçadas, tornando o trânsito ainda mais caótico e perigoso. Quem precisa caminhar por ali enfrenta poças de água e lama, já que muitas calçadas estão quebradas ou, em alguns pontos, ainda não foram concluídas. Os motoristas, por sua vez, têm que lidar com buracos e ruas alagadas, o que torna o tráfego extremamente lento e arriscado. A chuva, em vez de ser um fenômeno natural, se transforma em um obstáculo a mais no dia a dia dos ribeirão-pretanos.

A sensação de abandono é forte. Em muitos lugares, as obras paradas são como fantasmas que nos lembram do



Foto: Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto

Obras antienchentes na Avenida Nove de Julho são retomadas, ruas estão sendo inspecionadas

que poderia ser e não é. As pessoas que precisam passar por essas áreas todos os dias, muitas vezes, enfrentam dificuldades extras devido à falta de viadutos, avenidas e ruas que estavam prometidas há anos. As soluções ficaram apenas no papel e na promessa.

Cada novo prefeito que as-

sume a cidade traz consigo um plano para terminar o que foi começado, mas as coisas continuam paradas, sem explicação. São gestões que vêm e vão, e as obras ficam ali, como um lembrete de que o progresso sempre fica para o futuro, mas nunca chega de fato.

O que a cidade precisa, mais do que promessas, é que essas

obras sejam terminadas. Não é só uma questão de estética ou de terminar um serviço, mas de melhorar a vida de quem mora e trabalha aqui. Ribeirão Preto merece ver os projetos saírem do papel e se tornarem realidade. Afinal, não adianta sonhar com uma cidade melhor se o futuro fica sempre sendo adiado.

Estude em uma das melhores instituições particulares de ensino do país, segundo o MEC.



Marketing Digital e E-commerce



MATRICULE-SE

www.barodemaua.br 0800 180 35 66
(16) 99719-0671 @barodemauarp

Botafogo tem tradição na série A1, mas até quando?

ARTHUR THEODORO E MURILO MENDONÇA

O Botafogo acumula 17 temporadas seguidas na Série A1 do Campeonato Paulista. Um feito notável, mas que esconde um problema recorrente: a luta constante contra o rebaixamento. A permanência na elite tem sido mais fruto de sobrevivência do que de um projeto consistente.

Os números não deixam dúvidas. Nos últimos nove anos, foram 30 vitórias, 32 empates e 46 derrotas, com saldo negativo de 39 gols. Desde 2009, apenas seis aparições nas quartas de final. A falta de evolução dentro de campo preocupa, e a torcida, antes presente e engajada, começa a se afastar, com queda de 60% nos jogos "menores" - sem contar os 'quatro grandes' de São Paulo - em 2025, segundo dados oficiais da Federação Paulista de Futebol.

Em 2023, após uma boa campanha na Série B com Paulo Baier, o time se classificou

para as quartas do Paulistão e a torcida compareceu. Mas a demissão do técnico às vésperas do mata-mata gerou instabilidade. Em 2024, com um desempenho ruim na Série B sob Adilson Batista e Chamusca, o público ainda prestigiou alguns jogos, mas sem entusiasmo.

O efeito foi claro em 2025: a média de público caiu, com ingressos mais caros e um desânimo evidente. O Santa Cruz, outrora palco de grandes momentos, agora reflete a apatia de um clube que não apresenta perspectivas claras de crescimento.

A pergunta que fica é: até quando o Botafogo vai se contentar apenas com a permanência? O torcedor quer um time competitivo, que brigue por algo maior. Se a gestão não mudar o planejamento e investir de forma estratégica, a longevidade na elite pode acabar se tornando um símbolo de estagnação.

O cinema ainda sabe inovar?

Hollywood aposta no que já deu certo e deixa de lado histórias novas e criativas

ANA BEATRIZ MENDONÇA E VICTOR GERMANO

Hollywood já foi berço de ideias originais, um espaço onde diretores e roteiristas ousavam experimentar e contar histórias novas. Hoje, no entanto, a indústria cinematográfica parece presa a um ciclo interminável de remakes, reboots e adaptações live-action, onde a nostalgia se sobrepõe à criatividade. O resultado? Um mercado saturado de histórias recicladas, que trocam o frescor da novidade pelo conforto do conhecido.

O calendário de 2025 reforça essa tendência. Entre os lançamentos do ano, temos 'Wolf Man', uma nova versão do clássico do terror; 'Snow White', mais uma adaptação live-action de uma animação da Disney; 'Lilo & Stitch', que segue a mesma fórmula; e 'How To Train Your Dragon', que sairá do formato animado para uma versão com atores reais. Isso sem contar as sequências e spin-offs de franquias exaustivamente exploradas, como 'Toy Story 5' e 'Beetlejuice 2'.

São exemplos que demonstram a falta de disposição dos estúdios em inves-

tir no novo e demonstram o quanto Hollywood se tornou dependente de sucessos do passado.

A justificativa para essa avalanche de remakes e continuações está no retorno financeiro. É mais seguro apostar em um título já consolidado do que arriscar em histórias originais. Afinal, filmes que exploram a nostalgia têm um público garantido e campanhas de marketing facilitadas.

Mas até quando essa estratégia será sustentável? O ex-

cesso de reciclagem narrativa pode levar à exaustão do público, que em algum momento, deixará de se interessar por versões requentadas do que já viu antes.

Outro problema dessa abordagem é a limitação do cinema como arte. O audiovisual sempre teve o poder de refletir a sociedade, provocar discussões e expandir os horizontes do espectador. Quando os estúdios escolhem contar sempre as mesmas histórias, deixam de lado o potencial de apresen-

tar novas perspectivas, novos roteiristas e diretores, novas formas de se fazer cinema. O risco é transformar a indústria em um grande parque temático, onde tudo é previsível e sem espaço para inovar.

É claro que nem todo remake ou adaptação é um fracasso criativo. Alguns diretores conseguem trazer releituras interessantes para histórias já conhecidas, como Denis Villeneuve fez com 'Duna' (2021) ou Matt Reeves com 'The Batman' (2022). Mas esses casos são

exceção. A regra tem sido a produção de filmes que pouco acrescentam ao material original e que existem apenas para gerar bilheteria fácil.

Se o cinema quiser recuperar sua relevância como arte e não apenas como indústria, é necessário que os grandes estúdios resgatem a coragem de inovar. O público está pronto para novas histórias, novos universos e novos personagens, falta apenas que os estúdios tenham coragem de arriscar.



Foto: Victor Germano

Cartazes de filmes em cinema de Ribeirão Preto

Erramos sobre Adam Sandler – e ele nunca precisou da nossa aprovação

Por décadas tratado como sinônimo de humor raso, ator construiu uma carreira sólida e fiel ao próprio estilo, até se tornar um dos nomes mais respeitados de Hollywood

JENIFFER SANTOS

Durante os anos 1990 e 2000, Adam Sandler foi, para muitos críticos, sinônimo de tudo o que havia de mais descartável na comédia americana. Personagens infantis, humor grosseiro e roteiros repetitivos consolidaram a imagem de um ator preso ao raso e à autoparódia. Mas foi justamente essa fidelidade ao estilo que o consagrou junto a um público fiel — e que, anos depois, serviria de base para uma reviravolta difícil de ignorar. Hoje, Sandler ocupa uma posição singular no imaginário pop: a de um artista que riu por último, com aclamação crítica e uma carreira que amadureceu com o tempo. Sandler começou no Saturday Night Live, com canções nonsense e um timing cômico

único. No cinema, emplacou sucessos como Billy Madison, Um Maluco no Golfe e O Pai-zão, este último com US\$ 235 milhões em bilheteria mundial. Ignorados pela crítica, esses filmes consolidaram seu apelo popular.

Ele criou sua produtora, Happy Madison, e passou a ter controle sobre seus projetos — movimento decisivo para sua independência. Filmes como Click (2006) mostraram profundidade sob o humor. A trama absurda de um controle remoto que manipula o tempo surpreendeu ao equilibrar comédia e emoção. O longa arrecadou mais de US\$ 240 milhões e foi indicado ao Oscar. Já Esposa de Mentirinha (2011), com Jennifer

Aniston, confirmou seu sucesso nas comédias românticas.

A guinada dramática veio com Embriagado de Amor (2002), de Paul Thomas Anderson, que rendeu elogios e uma indicação ao Globo de Ouro. Mas foi em Joias Brutas (2019), dos irmãos Safdie, que Sandler brilhou de forma definitiva, com uma atuação intensa que conquistou a crítica, embora tenha sido ignorado pelo Oscar. Seguiu em alta com Arremessando Alto (2022), onde interpreta um olheiro de basquete, e Spaceman (2024), um drama existencial na Netflix. Na plataforma, Sandler é uma potência: seu contrato de US\$ 250 milhões foi renovado após sucessos como Mistério no

Mediterrâneo, com mais de 80 milhões de visualizações no primeiro mês.

Sandler ajudou a elevar o status da comédia em Hollywood. Com lealdade aos

amigos e liberdade criativa, tornou sua forma de trabalhar uma assinatura. De “piada” a prestígio, provou que autenticidade e persistência ainda têm espaço, mesmo em uma indústria cínica.



Foto: Myung J. Chun / Los Angeles Times via Getty Images

Adam Sandler na cerimônia do Oscar 2025

Agrishow 2025: dinheiro no bolso e mais um corpo no cemitério

JUNIOR GALHARDO

A recente morte de Carlos Daniel Costa, um trabalhador de 25 anos, durante a desmontagem de um estande na Agrishow, levanta questões sobre a segurança em eventos de grande porte. Este incidente não é isolado; no ano passado, outro trabalhador perdeu a vida ao ser atingido por uma tenda.

Esses trágicos episódios destacam a necessidade de repensar as práticas de segurança em feiras e eventos, especialmente em um setor como o agronegócio. Em 2025, a Agrishow movimentou R\$ 14,6 bilhões, conforme dados da Prefeitura de Ribeirão Preto. No entanto, essa alta rentabilidade contrasta com o baixo investimento em segurança para aqueles que tornam possível a maior feira de tecnologia agrícola da América Latina.

A Comissão de Direito do Trabalho da OAB enfatiza que a segurança dos trabalhadores é uma responsabilidade primordial dos empregadores. Assim, é obrigação das empresas fornecer equipamentos de

proteção adequados, promover treinamentos constantes e realizar uma fiscalização eficaz. No contexto da Agrishow, a organizadora do evento não pode se isentar dessa responsabilidade. Ao permitir que empresas montem seus estandes, ela assume a tarefa de garantir um ambiente seguro para todos os trabalhadores.

O silêncio da mídia sobre esses incidentes é outro assunto que preocupa. Casos de acidentes graves frequentemente não repercutem, assim como esses dois casos de vítimas fatais, deixando a sociedade alheia a uma realidade que exige atenção. Além disso, o salário médio de R\$ 2.300,00 para um mês de trabalho sob o sol intenso, em condições adversas, não reflete a importância da segurança no local.

O imprevisto é inaceitável. Uma mudança de paradigma é essencial para evitar que tragédias como a de Carlos Daniel se repitam. A falta de fiscalização e o despreparo dos organizadores levam a consequências fatais.

Em eventos que envolvem o manuseio de equipamentos pesados, o mapeamento de áreas de risco é fundamental. As empresas devem identificar e delimitar zonas de perigo, especialmente durante manobras com máquinas pesadas. Além disso, devem ser criadas áreas seguras onde nenhum trabalhador esteja exposto ao risco durante as operações. Somente após garantir que todos estejam fora dessas zonas de risco é que as operações devem ocorrer.

Esse tipo de planejamento não apenas protege os trabalhadores, mas também minimiza a possibilidade de acidentes que possam interromper o evento ou causar danos a terceiros. Somente com medidas rigorosas, fiscalização efetiva e a colaboração de todas as partes envolvidas poderemos evitar novas tragédias. As lições aprendidas com a morte de Carlos Daniel e de outras vítimas devem conduzir a mudanças que priorizem a vida e a segurança dos trabalhadores em todas as futuras edições de eventos.



Foto: Junior GallharDO

Brilhamos no
ENADE

BARÃO
DE MAUÁ
CENTRO UNIVERSITÁRIO

5

Nota Máxima

- Publicidade e Propaganda
- Design Gráfico
- Gestão de Recursos Humanos
- Gestão de Recursos Humanos (EAD)
- Gestão Financeira

4

Nota de Excelência

- Administração
- Ciência da Computação
- Marketing
- Marketing (EAD)

Unidade de Comunicação, Negócios e Tecnologia

DICA CULTURAL

Jornalismo na tela: 5 filmes para conhecer diferentes versões da profissão

O cinema aborda diferentes versões da persona jornalista e compartilha o cotidiano “multi” que o profissional enfrenta na carreira

JULIA BURIAN

O homem mais poderoso do mundo é jornalista e você, com certeza, o conhece. Talvez, até seja grande fã de suas histórias. O Superman é frequentemente lembrado por suas aventuras como super herói, mas ele também fez muito como Clark Kent, seu alter ego da imprensa. Por trás daquela grande capa vermelha que conhecemos, apareceu, por diversas vezes, um profissional que desmontou esquemas corruptos somente

com uma caneta e uma câmera. Mas claro que isso só funciona na ficção. Para escapar da síndrome de ‘Clark Kent’, em que o jornalista se sente o salvador do mundo e super poderoso o cinema mostra a partir de diferentes e realmente acontecem no dia a dia da profissão. Por conta disso, trazemos 5 filmes que levam o ofício jornalístico para as telonas e exploram as várias faces dos focas.



Jornalistas muitas vezes são vistos como super heróis

The Post – A Guerra Secreta

Ano: 2018

Onde assistir:

Amazon Prime/Apple TV

O filme do diretor Steven Spielberg é o pedido perfeito. Ambientada em 1971, durante o governo de Richard Nixon, a obra explora o papel dos jornais de Nova York na exposição de segredos governamentais sobre a Guerra do Vietnã. Sob a mira do governo, os jornalistas lutam pelo direito de contar a verdade enquanto a opinião pública sobre a política dos EUA ameaça declinar.

Cidade de Deus

Ano: 2002

Onde assistir:

Max/Globoplay/Amazon Prime

Responsável por 4 indicações ao Oscar em 2004, o filme nacional acompanha a história de Buscapé, um jovem fotojornalista que retrata a rotina de crimes que permeia a sua vida na Cidade de Deus, uma favela do Rio de Janeiro conhecida por ser uma das mais violentas da cidade.

Como perder um homem em 10 dias

Ano: 2003

Onde assistir:

Amazon Prime/Apple TV

Para quem ama filmes leves e quer saber um pouco mais da rotina do jornalismo não-factual, essa comédia romântica explora o jornalismo como influenciador de comportamentos. Na obra, uma jornalista tem uma tarefa bem curiosa: perder um homem em 10 dias para garantir a reportagem do estrelato.

O Abutre

Ano: 2014

Onde assistir:

Amazon Prime/Apple TV

Crítico aos profissionais antiéticos, ‘O Abutre’ aborda a busca violenta por manchetes exclusivas e as consequências geradas pela crescente desumanização e dessensibilização do jornalista. É um filme para assistir sem qualquer informação anterior e se surpreender.

Cidadão Kane

Ano: 1941

Onde assistir:

Amazon Prime

Conceituado como um dos melhores filmes da história do cinema, Cidadão Kane entrega um mistério que te prende até o final. Charles Foster Kane, um magnata da imprensa, morre e sua última palavra é “rosebud”. Atrás do que isso significa, um repórter se joga em uma espiral de polêmicas políticas e pessoais de Kane.

RESENHA

Crise da democracia em tempos digitais

Na obra Infocracia, o filósofo Byung-Chul Han analisa como o excesso de informações afeta as sociedades atuais

ISABELLA CAPUZZO

Em Infocracia: Digitalização e a Crise da Democracia, Byung-Chul Han alerta que a digitalização da vida se desdobra em um “tsunami de dados” que atordoia a sociedade e provoca “graves transtornos” no processo democrático. Nas palavras do autor, o que chamamos de esfera pública, marcada pelo debate racional, foi estruturalmente alterada pelo império das plataformas digitais e dos algoritmos, produzindo um fenômeno novo que ele batiza de infocracia.

Nessa era, campanhas eleitorais se travam como guerras de informação, onde notícias falsas e teorias conspiratórias dominam o debate. O desejo de uma opinião pública deli-

berativa perde-se nesse mar de estímulos, distrações e desinformação.

A perspectiva de Han dialoga com a crítica de Zygmunt Bauman, que já identificava na “Modernidade Líquida” um processo de esvaziamento da confiança nas instituições. O Estado e suas estruturas não conseguem mais cumprir suas promessas, e o indivíduo, imerso em um mundo fluido e fragmentado, torna-se cada vez mais vulnerável à manipulação simbólica e emocional, especialmente quando mediada por plataformas digitais.

Um exemplo emblemático desses fenômenos no Brasil é o prefeito de Sorocaba, Rodrigo Manga (Republicanos).

Conhecido como “prefeito tiktok”, Manga ganhou projeção nacional ao divulgar obras públicas em vídeos curtos e bem-humorados nas redes sociais, sempre finalizados com o bordão: “vem morar em Sorocaba, vamos fazer a melhor cidade do Brasil para se viver”. A estratégia de comunicação, que mistura memes, bordões e dados distorcidos, lhe rendeu milhões de seguidores — e foi importante para sua reeleição em 2024, com mais de 263 mil votos válidos.

No entanto, o conteúdo de seus vídeos tem sido duramente criticado por especialistas e está sob investigação do Ministério Público. As denúncias apontam uso de desinfor-

mação e recursos públicos para autopromoção, além da divulgação de obras inexistentes ou infladas, o que pode configurar improbidade administrativa. O caso Manga ilustra como a viralização de informações falsas ou distorcidas corrompe o debate público, substituindo o argumento pela performance e a escuta pela repetição.

Dados recentes do relatório Brazil Digital 2024, produzido por We Are Social e Meltwater, mostram que cerca de 86,6% da população brasileira está conectada à internet, e 66,3% têm perfis ativos em redes sociais. Ou seja, dois terços dos brasileiros acessam cotidianamente ambientes onde fake news e polarização circulam

com facilidade.

Ao diagnosticar esse novo modelo de controle social baseado no excesso de informação, Han mostra que a democracia não está ameaçada por sua negação, mas pelo seu esvaziamento. A infocracia transforma engajamento em espetáculo, política em marketing e cidadania em audiência. Para evitar que a democracia digital afunde no caos informacional, será preciso revalorizar o debate público, fortalecer a educação midiática e limitar os efeitos corrosivos da desinformação viral e, claro, refletir sobre uma forma de regulação e limitação do poder das grandes empresas de tecnologia e redes sociais.

‘É como pilotar um avião com tecnologia dos anos 70’, diz prefeito Ricardo Silva sobre a realidade em Ribeirão Preto

Em entrevista exclusiva, gestor da cidade compartilha dificuldades enfrentadas na administração pública, destacando os obstáculos de modernizar infraestrutura urbana e melhorar serviços com recursos limitados

ISABELLA CAPUZZO



Prefeito Ricardo Silva durante entrevista exclusiva no gabinete

Com pouco mais de cinco meses à frente da Prefeitura de Ribeirão Preto, Ricardo Silva (PSD) atua em um cenário de demandas acumuladas na infraestrutura da cidade. Aos 39 anos, o ex-deputado federal assumiu o cargo após vencer uma eleição acirrada, com uma diferença de apenas 687 votos no segundo turno.

Nesta entrevista exclusiva ao Jornal da Barão, o prefeito fala sobre os primeiros impactos da sua gestão, as dificuldades de modernizar a máquina pública — que compara a “pilotar um avião com tecnologia dos anos 70” — e as estratégias para driblar as limitações do orçamento enquanto busca melhorar os serviços básicos para a população.

Jornal da Barão: Como a gestão pretende garantir que os recursos do maior orçamento da história de Ribeirão Preto, previsto na Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2025 com mais de R\$ 5 bilhões, sejam bem aplicados e tragam resultados concretos para a população?

Ricardo Silva: “Esse or-

çamento, de fato, é o maior da história da cidade, mas é importante destacar que há particularidades nesse valor. Ele considera os repasses de outras esferas de governo, como estadual e federal, especialmente na área da saúde. O que temos enfrentado, na prática, é uma redução nos recursos municipais disponíveis para o custeio — ou seja, para manter a máquina funcionando. Só na saúde, houve uma queda de R\$150 milhões em relação ao ano passado. Na educação, a mesma perda: menos R\$150 milhões para manter os serviços essenciais. Esses cortes impactam diretamente ações como a compra de medicamentos, uniformes, manutenção de prédios e contratação de profissionais. As UPAs, por exemplo, estavam totalmente desorganizadas quando assumimos: prédios deteriorados, aparelhos de ar-condicionado quebrados, médicos em número insuficiente. Já estamos ampliando esse quadro — hoje temos nove médicos por plantão em algumas unidades, o que representa um esforço gigantesco dentro do orçamento apertado.

É importante lembrar também que esse orçamento foi elaborado pela gestão anterior. Nosso desafio é fazer com que ele funcione, com remanejamentos e reestruturações. A máquina pública é antiga, ainda funciona majoritariamente em papel. É como pilotar um avião com tecnologia dos anos 70. Mas estamos mudando isso passo a passo. Com organização, equipe técnica qualificada e foco nas prioridades, vamos conseguir entregar resultados concretos.”

Jornal da Barão: Após os impactos das obras de revitalização da Avenida Nove de Julho, que resultaram em queda de até 60% no faturamento do comércio local e no fechamento de 65 estabelecimentos, como a gestão municipal pretende minimizar os transtornos para comerciantes, consumidores e a mobilidade urbana durante as obras em andamento na Avenida Maurílio Biagi e obras futuras?

Ricardo Silva: “Na Avenida Nove de Julho, enfrentamos dificuldades que impactaram negativamente os

comerciantes, resultando em uma queda significativa no faturamento e no fechamento de estabelecimentos. Aprendemos com essa experiência e estamos aplicando essas lições nas obras da Avenida Maurílio Biagi. Nessa obra, estamos construindo duas pontes sobre o córrego Retiro Saudoso, com o objetivo de melhorar a fluidez do trânsito e beneficiar motoristas, ciclistas e pedestres. As obras estão sendo executadas com planejamento cuidadoso para minimizar os transtornos. As interdições são temporárias e planejadas para preservar a mobilidade na área, com sinalização adequada e rotas alternativas bem definidas. Além disso, estamos mantendo uma comunicação transparente com a população, informando sobre cada etapa das obras e mudanças no tráfego. Para compensar os impactos ambientais, realizamos o plantio de mais de 6.650 mudas de espécies nativas em uma área de 40 mil m² no Distrito Empresarial. Nosso compromisso é concluir as obras com eficiência, causando o menor impacto possível e beneficiando a todos a longo prazo.”

Jornal da Barão: O IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) é o principal indicador da qualidade da educação no Brasil e, em 2023, o índice do Ensino Médio de Ribeirão Preto foi de 3,9, abaixo da meta. Quais ações a gestão municipal está tomando para melhorar esses resultados, especialmente em Matemática e Língua Portuguesa, e nas escolas da zona norte, áreas de maior vulnerabilidade?

Ricardo Silva: “A educação que encontramos era um verdadeiro caos. Professores em conflito com o poder público, jornada de trabalho questionada judicialmente, e falta de profissionais. Começamos o ano letivo de 2025 com risco de não ter aula — tivemos que contratar 495 professores logo em janeiro para garantir o início do ano letivo. Outro problema foi a licitação irregular do uniforme escolar, apontada pelo Tribunal de Contas. Tivemos que correr para resolver isso a tempo. As escolas estavam em condições precárias — já reformamos 30 unidades só nos primeiros meses de governo. Mas há muito a ser feito. A educação precisa ser humana, inclusiva e acolhedora. Estamos reestruturando o relacionamento com os professores e estabelecendo metas claras para elevar os resultados em avaliações como o Saesp e o IDEB. Eu mesmo tenho visitado escolas pessoalmente — como a EMEF Eduardo Ronaldo de Souza, na zona norte — para identificar e resolver problemas diretamente. Nosso compromisso é chegar ao final do mandato com uma rede de ensino pública de excelência. A gente sabe que vai levar tempo, mas já estamos no caminho certo.”

Jornal da Barão: Em agosto de 2024, Ribeirão Preto enfrentou 14 focos de incêndio, alguns próxi-

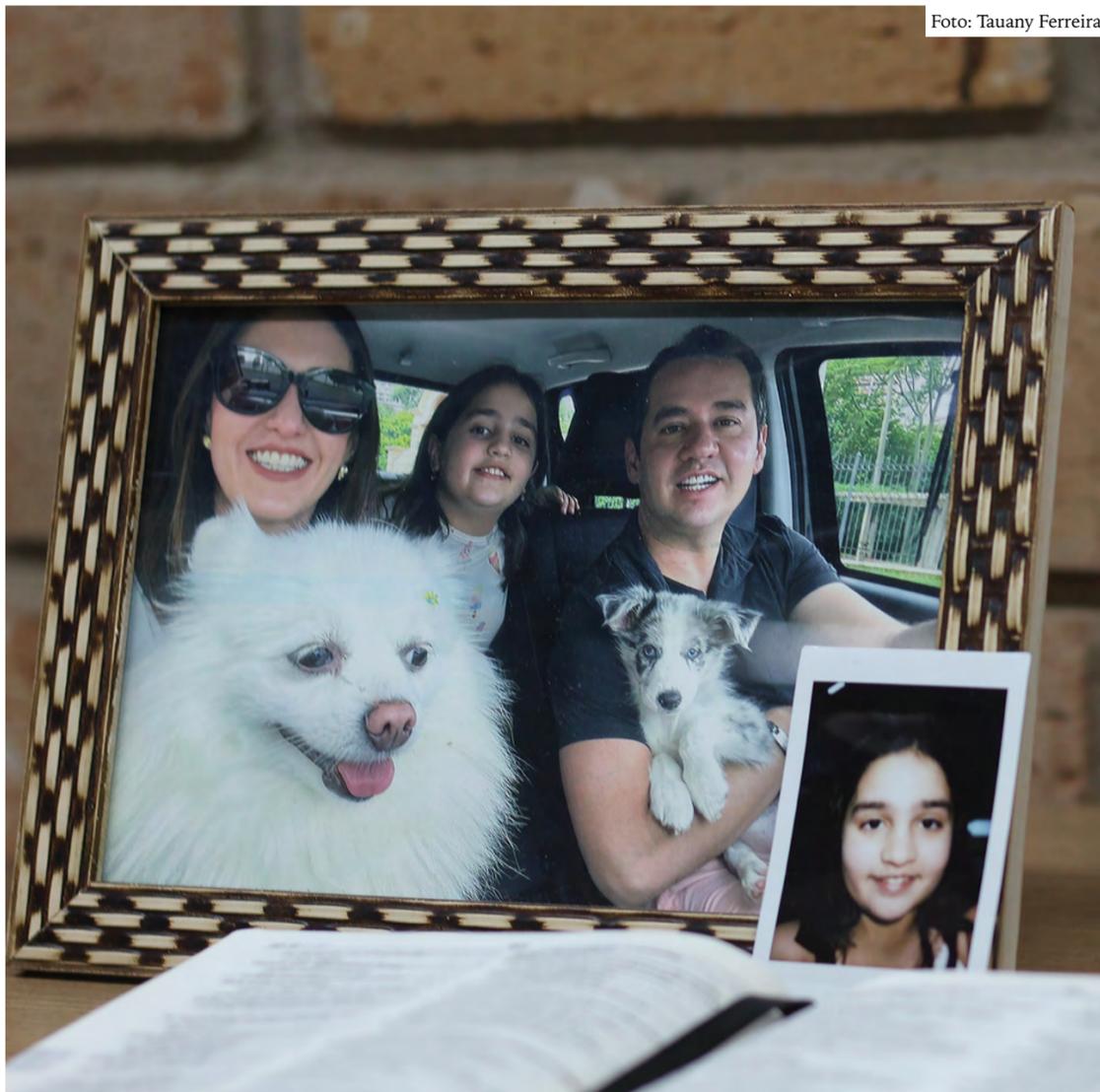


Foto: Tauany Ferreira

Porta-retrato com esposa, filha e cachorros de estimação no gabinete do prefeito

mos a áreas residenciais, e registrou um aumento de 300% nas queimadas entre janeiro e maio de 2024, em comparação ao mesmo período de 2023. Com as previsões de um outono mais quente e seco em 2025, quais medidas a administração atual implementou para prevenir e combater incêndios, e como a cidade está se preparando para o período de seca?

Ricardo Silva: “Esse é um problema gravíssimo e expõe uma falha estrutural histórica. Quando assumi, percebi que Ribeirão Preto simplesmente não tem uma Defesa Civil estruturada. Isso mesmo: uma cidade com o porte da nossa não possui uma organização de resposta a emergências e desastres. Em uma das primeiras reuniões com o governador Tarcísio, junto com outros 80 municípios afetados por enchentes, ele perguntou quais ações nossa Defesa Civil estava tomando. Senti vergonha de admitir que ela sequer existia formalmente. Estamos corrigindo isso agora, dentro do nosso projeto de reforma administrativa. A cidade vai finalmente contar com uma Defesa Civil organizada, com pessoal, equipamentos e plano de ação. Além disso, já iniciamos medidas preventivas, como a limpeza de rios e córregos, reconstrução de

barreiras de contenção e planejamento antecipado para os períodos de seca. Nossa visão é simples: a seca se planeja na época das chuvas, e as enchentes, durante a seca. É isso que estamos implantando: planejamento e ação antes que os problemas aconteçam.”

Jornal da Barão: A construção do novo hospital de urgência e emergência no HC, com previsão de operação para 2026, foi um tema central na campanha eleitoral. Enquanto a unidade não entra em funcionamento, o que está sendo feito para melhorar o atendimento de urgência em Ribeirão Preto, considerando o aumento das demandas e a falta de pessoal e recursos?

Ricardo Silva: “Essa é uma das maiores conquistas da história recente de Ribeirão Preto. Como deputado federal, enviei R\$30 milhões para o projeto. Depois, o governador Tarcísio destinou mais R\$50 milhões para a construção do primeiro módulo. Mas o projeto cresceu. Com apoio da USP e da prefeitura, vamos entregar um hospital completo, com investimento total superior a R\$300 milhões. A USP, inclusive, comprou terrenos e incorporou a área onde funcionava o Hospital Santa Teresa.

Além disso, surgirão outros quatro prédios no complexo: centros de odontologia, enfermagem, reabilitação... Todos geridos em parceria com a prefeitura. Será o maior complexo de saúde da América Latina, fruto da maior aliança já feita entre USP, governo estadual e município. Enquanto isso, estamos enfrentando o problema imediato. A UPA Oeste, por exemplo, já está funcionando com sistema de chamada visual e sonora. Triplicamos o número de médicos nas UPAs. Adotamos um novo modelo de atendimento para a dengue, com porta aberta nas UBSs. E vamos abrir ainda neste ano a UPA Central 24 horas, além da construção da UPA do Ribeirão Verde. Com cinco UPAs funcionando em tempo integral e uma sexta em construção, vamos desafogar o atendimento e oferecer dignidade para quem precisa de urgência e emergência.”

Jornal da Barão: A Câmara de Vereadores de Ribeirão Preto aprovou um projeto que obriga a instalação de painéis eletrônicos nas UPAs para informar sobre atendimentos, médicos por especialidade e fila de espera. Considerando que a UPA Sumarezinho já utiliza esse sistema, qual a sua posição sobre a proposta? E como a gestão garantirá

a eficácia da medida sem sobrecarregar as unidades, que atendem cerca de 600 pacientes por dia?

Ricardo Silva: “A aprovação desse projeto pela Câmara é uma demonstração clara de como o Legislativo pode ser um parceiro importante na modernização da nossa rede de saúde. A UPA do Sumarezinho já conta com esse painel eletrônico, e os resultados têm sido muito positivos, tanto na organização interna quanto na percepção dos pacientes. Nosso objetivo é expandir esse sistema para todas as unidades, garantindo que a população tenha acesso a informações claras e em tempo real. Para isso, estamos investindo em tecnologia e capacitação das equipes, de forma que a implementação dos painéis não sobrecarregue os profissionais de saúde. Acreditamos que, com planejamento e dedicação, é possível melhorar a transparência e a eficiência do atendimento sem comprometer a qualidade dos serviços prestados.”

Jornal da Barão: A prefeitura tem se mostrado bastante ativa nas redes sociais, com postagens diárias e vídeos informativos. Como o senhor avalia o impacto dessa estratégia de comunicação na aproximação

com os cidadãos e na transparência das ações governamentais?

Ricardo Silva: “Vivemos uma nova era de comunicação, e a população quer proximidade com seus governantes. As redes sociais são uma ferramenta gratuita e acessível, que nos permite falar diretamente com os moradores. Antes, os gestores eram distantes. Hoje, é preciso estar presente. É isso que estou fazendo. Uso as redes para divulgar obras, lançamentos de projetos, visitas a escolas, UPAs, bairros... E tudo isso de forma simples e direta. Por exemplo, vamos lançar o CR3, um centro de reabilitação com investimento de R\$10 milhões. Antes de qualquer divulgação oficial, fui até o local e mostrei, editei o vídeo no CapCut e publiquei. É algo feito com verdade, sem maquiagem. Quando a população vê isso, entende que há trabalho por trás, e passa a se interessar pelas ações da prefeitura. Claro, a rede social também tem seu lado perigoso — quando usada de forma irresponsável, pode propagar fake news, algo que combatemos diariamente. Mas, quando bem utilizada, é uma poderosa ferramenta de transparência e conexão.”



Foto: Tauany Ferreira

Prefeito Ricardo Silva durante entrevista exclusiva no gabinete

Mercado jornalístico abre espaço para novas possibilidades de atuação e reinvenção de práticas profissionais

Apesar da redução nas vagas formais, profissionais de Ribeirão Preto buscam alternativas em veículos independentes, mídias digitais e empreendedorismo comunicacional

ISABELLA CAPUZZO

O mercado jornalístico brasileiro está em transição. Embora o número de postos formais tenha diminuído, profissionais e estudantes de jornalismo estão descobrindo novas formas de atuação, especialmente no meio digital e no jornalismo independente. Segundo dados da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), o setor perdeu 883 postos em 2023, mas os desafios têm estimulado alternativas criativas e novos modelos de negócio.

Ribeirão Preto segue a tendência nacional. Menos de 700 jornalistas estão empregados formalmente, conforme levantamento do Data MPE Brasil, plataforma que organiza dados geograficamente. A situação reflete problemas estruturais como redações enxutas, salários baixos e alta competitividade, mas também tem impulsionado novas alternativas de atuação, como o jornalismo independente.

O jornalista Cristiano Pavini, fundador do portal “Farolete”, é um exemplo disso. Em 2019, ele decidiu deixar o jornalismo tradicional para criar um projeto digital mantido exclusivamente pelos leitores, com contribuições simbólicas. “O principal desafio é ser multifuncional, não só jornalista, mas também editor e responsável pela parte técnica”, explica.

O portal é mantido por colaboradores que financiam o site com contribuições simbó-



Jornalista Rodrigo Pagliani durante a apresentação no estúdio do Cidade Alerta, da Record Interior

licas. “O Farolete é mantido exclusivamente pelos leitores. Eles contribuem com valores simbólicos, como R\$2,00, sem nenhuma contrapartida editorial, apenas pelo apoio à causa do jornalismo”, explica.

Para quem deseja seguir esse caminho, Pavini recomenda começar com um projeto simples, como um blog, e ir aprimorando conforme o tempo.

“O mais importante é começar. Não se deve esperar ter tudo pronto ou uma equipe estruturada. A faculdade é um excelente ponto de partida para esses projetos, e há muitos exemplos de iniciativas que começaram como pequenos projetos acadêmicos e cresceram”, acrescenta.

O cenário pouco favorável

se reflete em altos índices de arrependimento por parte dos recém-formados, de acordo com uma pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A precarização é apontada como o principal fator de descontentamento. Somente entre 2013 e 2021, o Brasil teve uma redução de 21,3% nos postos com carteira assinada na área.

Em contraste, cresce a necessidade de fortalecer o jornalismo como função social, frente ao avanço da desinformação. O trabalho profissional continua essencial na checagem de dados, na apuração rigorosa e no compromisso com a verdade, especialmente em um cenário onde qualquer um pode se tornar “fonte” nas

redes sociais.

Uma gerente de jornalismo de uma grande empresa de comunicação em Ribeirão Preto explica que muitas redações têm recorrido a estagiários ou freelancers, tanto por conta dos custos quanto da necessidade de adaptação rápida às mudanças do mercado.

“Contratar temporariamente permite maior flexibilidade para testar habilidades e, ao mesmo tempo, reduz os custos fixos com funcionários”, pontua.

Dificuldades e habilidades profissionais

Essa é uma realidade que se reflete na cabeça de muitos estudantes, como Yago de Carvalho, do sétimo período no Centro Universitário Barão de Mauá.

“Apesar de buscar um estágio, sei que a realidade é difícil. Muitas oportunidades não são remuneradas e, por isso, acabo buscando um trabalho fora da área para garantir minha estabilidade financeira”, diz.

Patrícia Gentil, jornalista formada há 18 anos, acredita que, “apesar das dificuldades, o papel do jornalista continua fundamental, mas com exigências diferentes de antigamente”.

“O mercado mudou muito e, ao mesmo tempo, as novas tecnologias exigem que os profissionais se adaptem rapidamente. Hoje, o jornalista precisa ser um comuni-

cador completo, dominando ferramentas digitais, sabendo como usar as redes sociais e ainda mantendo a credibilidade. É necessário ser proativo, estar conectado e interessado em tudo. Precisa ser dinâmico, ágil e gostar do que faz”, afirma Gentil.

Desonerações fiscais sem contrapartida

Em 2024, o setor da comunicação recebeu R\$462 milhões em desonerações fiscais sob a promessa de geração de novos postos de trabalho, conforme levantamento feito pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

Samira de Castro, presidenta da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), critica essa política. Segundo ela, “embora as grandes empresas se beneficiem desses incentivos, eles não têm se refletido em novas contratações de jornalistas, deixando os profissionais à mercê de salários baixos e condições de trabalho precarizadas”.

A Fenaj defende que a manutenção desse benefício seja vinculada a compromissos claros, como a contratação de profissionais e melhoria das condições de trabalho. “Sem essa exigência, os incentivos fiscais apenas aumentam os lucros das empresas, sem impactos reais na empregabilidade do setor”, reforça a presidenta.

Se por um lado a crise impõe desafios, por outro, há espaço para inovação. É possível observar como os profissionais da área continuam a se adaptar e a resistir a tantas transformações.

“Entre um jornalista de um programa sério e um jornalista de uma página sem credibilidade nas redes sociais, a escolha é óbvia. As pessoas ainda buscam a informação nos meios tradicionais, como jornais e veículos de comunicação que têm uma longa história e já conquistaram credibilidade. O essencial do jornalista é ser imparcial e buscar a verdade na notícia, independentemente das dificuldades. No final, é isso que faz a diferença.”, conclui Patrícia Gentil.



Jornalista independente Cristiano Pavini, referência em jornalismo investigativo, em palestra no Centro Universitário Barão de Mauá

Profissões em extinção: demandas tecnológicas, sociais e econômicas são os principais fatores para a desaparecimento de áreas profissionais

Relojeiros, taxistas e sapateiros podem se tornar serviços residuais por conta de transformações mercadológicas, lideradas por grandes empresas e indústrias

JULIA BURIAN

Com a automação avançando, 58,1% dos empregos no Brasil correm risco de desaparecer nos próximos 10 a 20 anos, segundo estudo baseado em pesquisa da Universidade de Oxford. Ainda assim, algumas profissões seguem firmes, sustentadas por tradição ou pela capacidade de adaptação, como relojoeiros, taxistas e sapateiros.

As transformações que levam à extinção de certas profissões passam por aspectos sociais, econômicos e tecnológicos, explica Fabiano Caxito, professor de Administração do Centro Universitário Barão de Mauá. “À medida que você desenvolve formas de gerar riqueza, como tecnologia verde e economia do compartilhamento, transforma o trabalho e faz com que surjam novas profissões”.

Com o surgimento dos carros de aplicativo, os táxis perderam cerca de 60% da clientela em 2021, segundo levantamento do Sindicato dos Taxistas.

O impacto é sentido por

Gilmar Donizete Alves, 64, taxista e comerciante. “Tiraram o serviço de muitos taxistas, muitos sobrevivem por já serem aposentados”, relata. Após a queda na demanda, ele passou a focar no comércio como principal fonte de renda.

Além disso, as atualizações recorrentes das demandas fazem os profissionais priorizarem serviços mais residuais, como consertos, e não de criação, como explica Tito Flávio Bellini Nogueira de Oliveira, professor de História da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. “Você vai melhorando a tecnologia e o desenvolvimento da força produtiva, algumas profissões vão ficando obsoletas ou vão resistindo residualmente, como o relojoeiro. Ele ainda existe, mas vai ser associado a outras coisas”.

Entretanto, no meio desse cenário, ainda existem profissões que perduram por gerações, como é o caso de Cláudio Gusmões, 51, que seguiu os passos da família relojoeira



Foto: Julia Burian

Cláudio é responsável pela manutenção dos relógios da sua loja no Centro de São Joaquim da Barra

desde os 9 anos. Hoje em dia, atua no ofício em sua própria loja e sai da categoria dos serviços residuais ao trabalhar desde a criação até o desmonte de relógios. “Meu avô era relojoeiro, meu pai é relojoeiro e minha tia também foi relojoeira.”

Um dos problemas da profissão, para ele, é a falta de interesse das pessoas em trabalhar na área, assim como o desdém da tecnologia, que

tenta contornar. “Eu fiz um curso de eletrônica para poder melhorar e preciso continuar a fazer para acompanhar, já que vai mudando”.

A adaptabilidade de Gusmões é apontada por Caxito como uma das formas positivas de se manter no mercado, mesmo os trabalhadores informais. “Eles também precisam se adaptar, inovar e criar um diferencial que é percebido pelos clientes”.

Sobre o futuro dessas profissões, Eduardo Cicconi, economista e professor do Centro Universitário Barão de Mauá, explica que a tendência da tecnologia como substituta de mão de obra pode acabar com algumas profissões, mas criar outras no lugar. “É sempre bom lembrar que, por trás da tecnologia, a gente sempre vai precisar de um ser humano operando ou a construindo de forma racional”.

PROFISSÕES DO FUTURO



Horta familiar resiste à pressão imobiliária há 30 anos em área nobre de Ribeirão Preto

Agricultor de terceira geração rejeita ofertas milionárias e mantém cultivo, que também virou ponto de encontro da comunidade; especialistas veem conflito entre urbanização e tradição

AMANDA YUMI

Uma horta mantida há mais de 30 anos por uma família de agricultores resiste à pressão de incorporadoras na zona sul de Ribeirão Preto. Cercado por condomínios de alto padrão, o terreno é alvo de propostas milionárias, mas o produtor Sérgio Silva se recusa a vender e mantém o cultivo que virou referência local.

“Eu sou a terceira geração, e meu filho já é a quarta. A gente sempre sobreviveu da lavoura e não sabe fazer outra coisa”, conta o agricultor. A horta, localizada na Avenida Luiz Eduardo Toledo Prado, no distrito de Bonfim Paulista, fornece verduras frescas e de qualidade para moradores dos condomínios vizinhos, muitos dos quais frequentam o local há anos.

“Eles valorizam muito. Sempre vêm aqui comprar. A gente sabe que gostam pela maneira como tratam a gente”, relata o agricultor.

Com o crescimento da zona sul de Ribeirão Preto, dois fenômenos comuns nas grandes cidades também se intensificam: a especulação

imobiliária e a gentrificação.

A especulação acontece a partir da aquisição de imóveis pelo mercado com o intuito de revendê-los ou alugá-los por um valor superior ao da compra, visando obter lucro com a valorização do mercado, como é o caso dos alugueis por temporada. Já a gentrificação é a consequência da especulação: a pressão sobre antigos moradores a saírem de seus bairros devido ao aumento dos preços das moradias e do custo de vida.

“Por enquanto, eu fico”

Sérgio tem resistido à especulação. O agricultor afirma que recebeu propostas de compra milionárias, feitas por grandes construtoras.

“Fica difícil, né? A cidade vem crescendo, mas a gente tem história aqui. Vai chegar uma hora que vão comprar, mas enquanto der, eu fico”, afirma.

O professor e pesquisador na área de Geografia Urbana César Simioni analisa que, em casos como esse, os espaços agrícolas tornam-se alvos fáceis para a especulação.



Foto: Amanda Yumi

Plantação de verduras em área urbana com prédios residenciais ao fundo

“Essas atividades não se alinham à lógica do mercado, que busca alta rentabilidade. Por isso, são expulsas pelas forças da valorização imobiliária”, explica.

Clientes da horta, como Eulene Pereira da Mota, dona de casa de 42 anos, enxergam no espaço muito mais que um ponto de venda de verduras. “A horta do Sérgio é um lugar onde a gente encontra alimento bom, barato, e ainda conversa, troca receita. Não tem prédio que traga isso”.

Para o pesquisador, há caminhos possíveis para manter vivas essas práticas. “Programas urbanos que reconheçam o papel social da agricultura poderiam garantir sua permanência. Não se trata de parar o progresso, mas de incluir outras formas de vida nesse desenvolvimento”.

César defende que, em um cenário ideal, os empreendimentos imobiliários também poderiam incorporar espaços agrícolas em seus projetos, desde que exista demanda e interesse por parte dos moradores. “Mas isso ainda está distante da realidade do mercado atual, que prioriza outras comodidades”.

“Hoje, o urbano se impõe e a lavoura vai ficando para

trás. Mas, enquanto tiver força, eu fico aqui, plantando. É o que eu sei fazer”, diz Sérgio.

Por que as hortas urbanas são importantes? - Entrevista com o Prof. Dr. César Simioni Santos.

Santos é professor do Departamento de Geografia da USP e credenciado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana desde 2014. Possui graduação (2001), mestrado (2006) e doutorado (2013) em Geografia Humana pela USP, com parte da pesquisa realizada na Université Paris 3 - Sorbonne Nouvelle. Atualmente, é presidente da Comissão de Pós-Graduação da FFLCH-USP. Sua pesquisa se concentra na produção do espaço urbano e regional, urbanização brasileira e dinâmica metropolitana contemporânea.

Horta urbana é só uma moda passageira?

De jeito nenhum. Ela é, muitas vezes, uma resposta urgente à falta de acesso à alimentação e à renda. Tem raiz na tradição rural e importância real na vida de quem vive nas periferias.

Mas esse tipo de horta cabe na cidade de hoje?

Cabe, mas com dificul-

dade. A lógica do mercado quer usar cada metro quadrado da cidade para gerar lucro. E horta não dá o mesmo retorno financeiro de um prédio.

Então elas são expulsas? Exato. A especulação imobiliária torna essas práticas inviáveis. O solo fica caro, a pressão aumenta, e quem cultiva é forçado a sair.

E dá pra mudar isso com planejamento urbano? Sim, se o poder público enxergar o valor social da agricultura urbana e criar programas específicos pra apoiá-la. Não como exceção, mas como parte da cidade.

Auto-organização das comunidades pode ajudar? Pode, e muito. Mas é difícil. O dia a dia das pessoas é muito corrido, com trabalhos mal pagos e jornadas longas. Falta tempo e energia para se organizar.

E o mercado imobiliário, pode abraçar essa ideia?

Em teoria, sim. Mas, na prática, ainda não tem oferta. A prioridade do setor são as comodidades ligadas ao consumo e ao lazer, não à produção de alimentos.

E qual é o risco de perder essas hortas?

A gente perde mais do que verdura. Perde a história, laços comunitários.



Foto: Amanda Yumi

Alfaves recém colhidas armazenadas em caixa de plástico para vendas

A árvore plantada é o futuro das matérias-primas renováveis, recicláveis e amigáveis ao meio ambiente.

Sessões gratuitas ampliam o acesso ao cinema em Ribeirão Preto

Iniciativas como o Cineclube Cauim, Sesc e prefeitura levam a sétima arte às periferias da cidade

MURILO MENDONÇA

Em uma cidade onde o cinema comercial é, muitas vezes, inacessível para parte da população, devido aos altos preços e à localização centralizada, projetos sociais têm se mobilizado para democratizar o acesso à sétima arte. Em Ribeirão Preto, iniciativas como o Cineclube Cauim e o Sesc Ribeirão têm levado sessões gratuitas a diferentes públicos, incluindo moradores das regiões periféricas.

Uma delas é o Cineclube Cauim, que promove sessões gratuitas há mais de 45 anos. Em 2023, o tradicional cinema teve sua sede histórica fechada por questões burocráticas, de acordo com o fundador Fernando Kaxassa. Em setembro do mesmo ano, as atividades foram retomadas em sua nova sala na Rua Olavo Bilac, 135, Villa Seixas.

Kaxassa celebra um novo momento do projeto e garante que o trabalho continua: “Estamos em uma fase importante, pois conseguimos construir nossa própria sala, algo raro no movimento cineclubista”, diz.

O Cauim também tem ampliado suas ações em bairros afastados. Segundo Kaxassa, a produção e exibição de filmes tornaram-se mais acessíveis, o que viabiliza a expansão das atividades.

“Queremos ensinar a comunidade a produzir seus próprios filmes e exibi-los em espaços alternativos, como tendas de circo. Esse projeto já está em andamento e se chama ‘TV Cauim’. No ano passado, formou mais de mil crianças e jovens. A iniciativa faz parte da TV Cauim, um projeto contínuo que ensina adolescentes e crianças a produzirem filmes com o celular. Voltamos agora em abril, seguindo a lógica de que primeiro a escola volta,



Crianças de uma escola municipal de Ribeirão Preto no Cineclube Cauim

depois o cinema. Mas o projeto não para”, afirma.

Desigualdade no acesso ao cinema

A cidade conta com quatro cinemas comerciais e 32 salas, distribuídas nos quatro shoppings centers. Para moradores da periferia, a distância e o custo dos ingressos, que variam entre R\$ 26,22 e R\$ 34,20, dificultam o acesso.

Além do valor das entradas, a localização das salas também representa um obstáculo. O transporte público da cidade tem seu fluxo principal na região central, obrigando muitos moradores a caminhar longas distâncias até os shoppings. A estudante Ingrid Cardoso, de 19 anos e moradora do Parque Ribeirão, na zona Oeste, e relata essa dificuldade.

“A linha de ônibus mais próxima ao shopping ainda me faz ter que andar alguns minutos até lá e, de noite, tenho medo de andar essa distância sozinha, então peço um carro por aplicativo, o que aumenta ainda mais o meu custo. Assim sendo, os gastos acabam não compensando,

para assistir um filme de 1h ou 2h”, afirma.

Ela sugere uma opção para viabilizar o acesso e trazer uma diversidade aos cartazes.

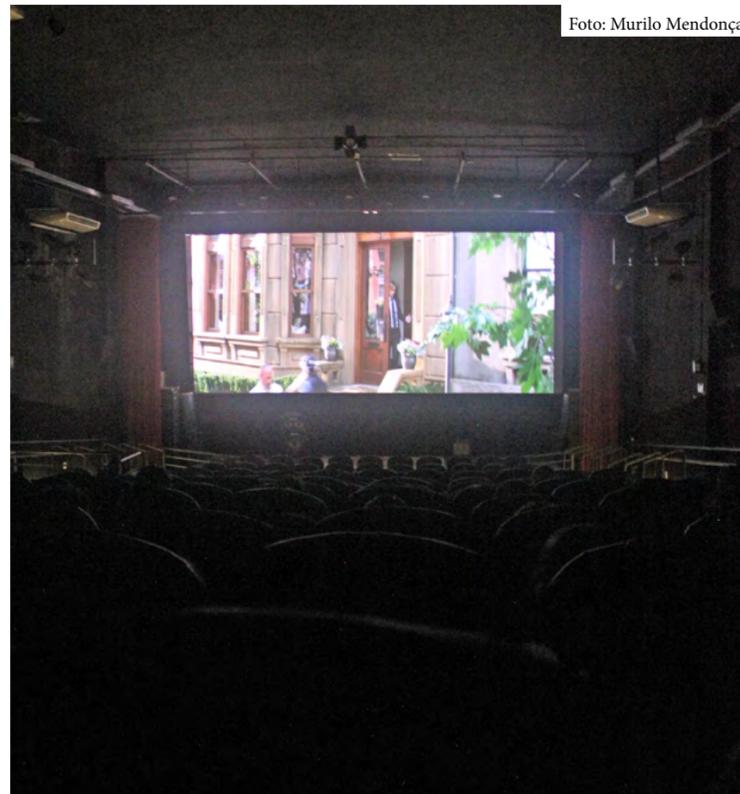
“Eu gosto bastante de filmes que não são tão populares. Teve uma semana no ano passado, que foram exibidos filmes de outras nacionalidades e temas, que não são muito comuns de se ver. Passaram filmes franceses, de matemática, ciências, enfim. Lembro que nessa semana os custos da sala estavam bem abaixo do que se tem hoje”, completa.

SESC também é opção

O SESC Ribeirão Preto também desenvolve iniciativas para democratizar o acesso ao cinema. A unidade oferece sessões gratuitas toda terça-feira, às 19h30, e promove mostras temáticas, além de exposições ao ar livre. Renato Alves, técnico de cinema do SESC, destaca o compromisso com a formação de público: “Além das sessões regulares, realizamos exposições em praças e trazemos diretores para dialogar com o público. O objetivo é

ampliar o acesso e incentivar o contato com a diversidade do cinema.”

Pedro Riul, de 25 anos, é frequentador de sessões gratuitas e aconselha quem nunca foi: “Vai, não tenha medo de ser feliz. Porque é tudo de bom, simplesmente não tem contra. As salas



Sessão de cinema em Ribeirão Preto

são climatizadas e têm tudo o que um cinema comum tem. Não há por que não ir a uma sessão gratuita de cinema”, argumenta.

Iniciativas da prefeitura

A Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto também se mobilizou e anunciou o projeto Cinema na Rua, que levará sessões gratuitas a bairros periféricos. A ação é realizada em parceria com o Instituto Usina de Sonhos e foi batizada oficialmente de Cine Céu.

O projeto tem um caráter sociocultural e visa levar o cinema a regiões com pouco acesso a atividades culturais. As sessões são realizadas ao ar livre, com estrutura sustentável alimentada por energia solar, e oferecem pipoca e refrigerante gratuitos, promovendo uma experiência completa, acolhedora e familiar.

Aberta a todos os públicos, desde crianças até idosos, a iniciativa busca reunir famílias inteiras em torno do cinema. A secretária de Cultura, Maria Eugênia Biffi, explica que o projeto percorrerá diferentes regiões da cidade:

“A proposta é realizar uma sessão por mês em áreas mais afastadas dos shoppings e centros comerciais”, afirma. A data oficial ainda será divulgada.

Aplicativo da USP contribui para reabilitação de pacientes com AVC

Tecnologia desenvolvida em parceria entre pesquisadores de São Carlos e Ribeirão Preto é capaz de alertar com avisos sonoros sobre postura correta para pacientes com sequela

NILSON GALHARDO

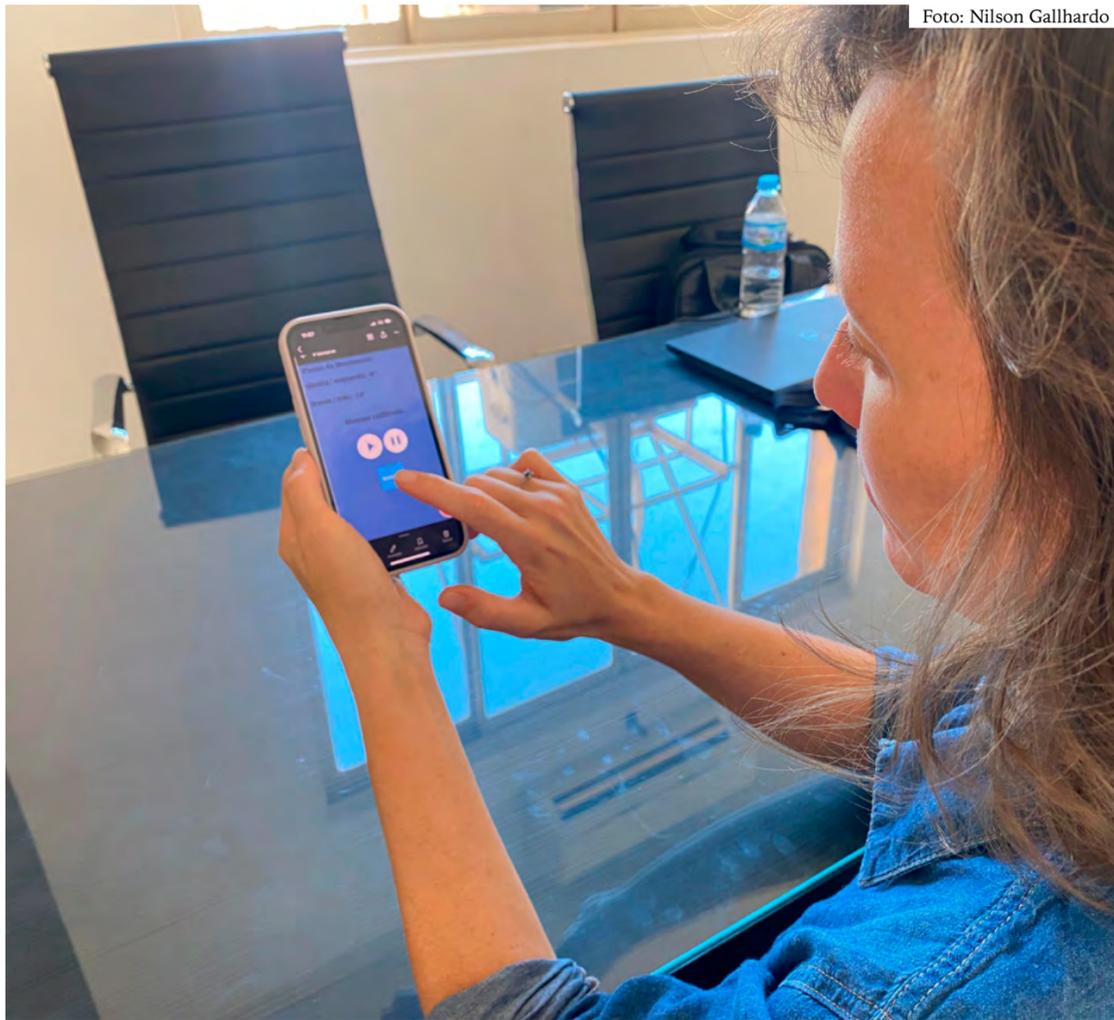


Foto: Nilson Gallharo

Amanda Polin, uma das criadoras do projeto fazendo o uso do aplicativo

Uma tecnologia desenvolvida em trabalho conjunto entre pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto e São Carlos promete contribuir para a reabilitação de pacientes que sofreram Acidente Vascular Cerebral (AVC), melhorando sua qualidade de vida.

O aplicativo monitora a postura corporal com o celular encaixado em um colete acoplado à roupa dos pacientes, informa e corrige o alinhamento do corpo por meio de comandos de voz, vibrações e imagens. Se algo estiver errado, a tela fica vermelha e avisos sonoros são emitidos.

Os números sobre o AVC no Brasil são preocupantes. Em 2024, foram registrados 39.345 óbitos, uma média de seis mortes por hora, representando um aumento de 12% em relação a 2023, segundo dados da Secretaria Estadual de Saúde.

O médico cardiologista Marcos Giovaneli, destaca a importância da prevenção:

“Medidas como controle da pressão arterial, dietas, prática de exercícios físicos, em alguns casos, com o uso de medicamentos; e hábitos saudáveis como alimentação equilibrada, rica em frutas, verduras, legumes e grãos integrais, e com baixo teor de gorduras saturadas, sal e açúcares, podem diminuir significativamente o risco de AVC”.

A ideia surgiu da pesquisadora e terapeuta ocupacional Amanda Polin Pereira, que atua em um centro de reabilitação. “Os pacientes frequentemente relatam dificuldades em perceber a posição do tronco. Muitas vezes, inclinava-se para os lados e só percebiam quando alguém próximo alertava”, conta.

O aplicativo atua como um orientador, corrigindo posturas inadequadas e fornecendo instruções claras para os pacientes, o que ajuda na reabilitação.

Os testes realizados em um centro de reabilitação mostraram que o feedback

contínuo melhora a eficácia do tratamento. Isabel Calsani, fisioterapeuta que colaborou no projeto, ressalta a importância do uso contínuo do equipamento.

“O aplicativo pode ser utilizado em casa, permitindo que o paciente pratique diariamente, o que é fundamental para a recuperação.” A repetição é crucial para o aprendizado motor, e a utilização do app fora das sessões formais pode potencializar os resultados.

Os primeiros testes do aplicativo geraram resposta positiva entre os pacientes.

“Eles se sentiram mais confiantes e satisfeitos com a orientação”, relata Amanda.

A maioria dos usuários afirmou que o aplicativo se assemelha a ter um fisioterapeuta ao seu lado, ajudando na correção de posturas e movimentos.

“É como se alguém estivesse me dizendo o que fazer, o que me ajuda a perceber melhor meu corpo”, relata um dos participantes. O

design do aplicativo foi pensado para ser prático e acessível. Inicialmente, a equipe considerou um dispositivo vestível, mas decidiu integrar o celular em roupas cotidianas.

“Isso aumentou a aceitação do usuário. O celular pode ser colocado em um bolso costurado em tops ou regatas, tornando o dispositivo mais fácil de usar”, explica.

Embora o aplicativo ainda não esteja disponível para download, a equipe planeja liberá-lo gratuitamente para o público em geral. “Nossa meta é que mais pessoas se beneficiem dessa tecnologia. Queremos disponibilizá-lo em plataformas como a Play Store e também para IOS”.

A expectativa é que, após

a conclusão da fase de testes, o aplicativo possa ser acessado por uma ampla variedade de usuários. A combinação de tecnologia e saúde, exemplificada pelo aplicativo da USP, representa uma esperança renovada para muitos pacientes.

Com o apoio financeiro e a continuidade da pesquisa, a equipe acredita que essa inovação poderá transformar a reabilitação e permitir que pacientes com AVC recuperem sua autonomia e qualidade de vida. Essa parceria entre saúde e tecnologia é um passo importante para o futuro da reabilitação e a melhoria da qualidade de vida de milhares de brasileiros que enfrentam os desafios pós AVC.

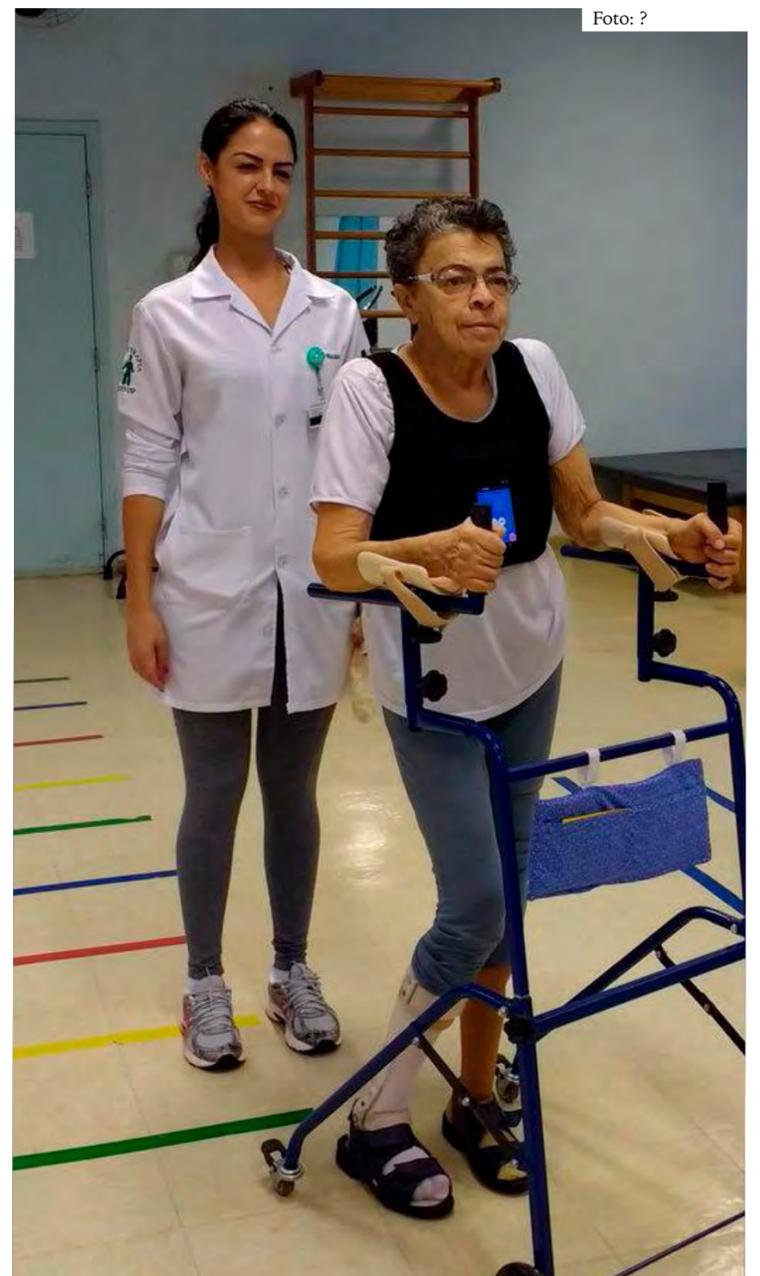


Foto: ?

Idosa recebe suporte de fisioterapeuta durante sessão de reabilitação com o celular acoplado ao aplicativo

Voluntários ajudam a transformar a realidade de pacientes com câncer no interior de SP

Na luta contra o câncer, instituições oferecem acolhimento, suporte emocional e assistência social a milhares de pessoas que enfrentam a doença

JOÃO PAULO MENEZES

Receber um diagnóstico de câncer muda a vida de qualquer pessoa. “Você se abala muito, mas Deus dá forças todos os dias através da sua fé, pois o câncer tem cura”, declara Rosilaine Valéria, paciente que enfrentou um câncer de mama.

Mesmo com os avanços da medicina e dos programas de prevenção, a doença ainda traz problemas que vão além da saúde, como desigualdade social, dificuldade financeira e a falta de empatia, acolhimento e solidariedade.

Ele chega de repente, às vezes com sintomas discretos, outras vezes com um baque. A Dra. Érika Arantes, especialista em psicologia hospitalar, explica que receber um diagnóstico de câncer pode gerar uma ruptura na rotina e na identidade da pessoa. “Os principais desafios emocionais incluem medo da morte, insegurança em relação ao futuro, impotência e perda da autoestima”, afirma.

Valéria, de 46 anos, sabe bem o que isso significa. Ela conta que o início do seu tratamento foi muito difícil, mas encontrou apoio em uma associação que trabalha em conjunto com o Hospital do Amor, em Barretos.

“Eu conheci a AVCC dentro do hospital, eles me deram todo o apoio, desde remédios até cestas básicas. Passei por algumas dificuldades, e ainda passo, mas nunca me falaram não. Na segunda sessão de quimioterapia, meu cabelo caiu, e foi lá que eu consegui uma peruca linda”, relata.

Instituições que fazem a diferença

O Hospital do Amor e a Associação Voluntária de Combate ao Câncer (AVCC), são duas instituições que fazem a diferença na vida de quem luta contra a doença, principalmente nos aspectos de acolhimento e humanização.

Fundado em 24 de março de 1962, o Hospital do Amor tornou-se referência nacional no tratamento oncológico



Entrada da AVCC de Barretos

co gratuito e de excelência. Conhecido por sua estrutura moderna e pelo atendimento humanizado, conta com mais de 5.300 colaboradores atuando em dezenas de unidades de tratamento, prevenção, reabilitação e pesquisa, distribuídas pelo Brasil.

Mas Luiz Antônio Zardini, funcionário do hospital há 32 anos, alega que nem tudo se resolve dentro dos consultórios. “Quando o paciente sai do hospital, às vezes ele não consegue encontrar um ambiente que possa lhe oferecer carinho e tratamento da melhor forma. Essas pessoas precisam tomar um banho e não têm quem dê, precisam de alimentos e remédios, mas não podem comprar. Então, é importante esse trabalho fora do hospital”, afirma.

A primeira AVCC surgiu em 1997, formada por um grupo de voluntárias da Associação Paulista Feminina de Combate ao Câncer de São Paulo. Hoje, a associação possui mais de 60 filiais espalhadas por várias cidades, todas operando em prol do Hospital do Amor.

Para oferecer apoio gratuito aos pacientes, os voluntários atuam em diversas frentes, desde o apoio emocional até atividades recreativas, suporte organizacional e campanhas de arrecadação.

Entre as ações realizadas, estão os bazares de roupas e calçados, a campanha de coleta de tampinhas e lacres e a organização de eventos bene-

ficentes. Todo o dinheiro arrecadado é revertido para as necessidades dos pacientes, como medicamentos e equipamentos de convalescença, materiais de higiene, transporte e alimentação.

Maria Ângela, de 61 anos, é outra paciente do hospital que recebe auxílio da AVCC de Barretos. Ela relata que sempre frequentou a casa para comprar roupas no bazar, então já tinha amizade com as voluntárias. Quando precisou de ajuda, elas não hesitaram.

“Eu agradeço muito à AVCC, passei por algumas dificuldades e elas me ajuda-

ram com cesta básica, remédio e leite. É um apoio muito grande que eu recebo. A associação e o hospital estão sendo essenciais para o meu tratamento, fazem um ótimo trabalho”, diz Maria.

A doença

O câncer é uma realidade cada vez mais presente na vida de milhares de brasileiros. De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (INCA), foram registrados cerca de 700 mil novos casos em 2023 e 2024. Para o ano de 2025, a estimativa não é

diferente.

O estudo, chamado Estimativa 2023 – Incidência de Câncer no Brasil, destacou as regiões Sul e Sudeste, que juntas respondem por 70% da incidência, além de mostrar que o tumor maligno mais comum no país é o de pele não melanoma, representando 31,3% do total de casos, seguido pelos de mama feminina (10,5%), próstata (10,2%), cólon e reto (6,5%), pulmão (4,6%) e estômago (3,1%).

Os números são alarmantes e, mais do que isso, representam pessoas, histórias e famílias que enfrentam diariamente os desafios de uma doença tão temida. A Dra. Arantes reitera que reduzir o paciente ao diagnóstico é desconsiderar a complexidade do ser humano.

“É fundamental considerar que o câncer não afeta apenas o corpo, mas a pessoa como um todo, mente, emoções, relações e projetos de vida. Olhar para o paciente de forma integral amplia a qualidade do cuidado, humaniza o tratamento e favorece a construção de um caminho terapêutico mais significativo, onde ele se sente visto, compreendido e respeitado em sua totalidade”, conclui.



Grupo de voluntárias que trabalham na AVCC de Barretos

Mulheres lideram startups e Ribeirão Preto supera índice nacional em inovação

Com participação feminina acima da média do país, startups da região evidenciam a força das empreendedoras e apontam caminhos para um ecossistema mais plural e diverso

ARTHUR THEODORO

O crescimento das startups na Região Metropolitana de Ribeirão Preto vem chamando atenção nacional, e parte desse avanço tem rosto feminino. Segundo o 6º Mapeamento do Ecossistema de Inovação da região, realizado pelo SUPERA Parque, 30,6% das startups ativas possuem fundadoras mulheres, enquanto a média brasileira é de 19,2%, de acordo com a ABStartups.

A gerente de jornalismo na O levantamento identificou 348 startups em operação em 2024, consolidando um cenário em expansão: em 2022, eram 42 fundadoras mulheres; em 2023, 56; e neste ano, 59. “Esse aumento no número de fundadoras é um indicador muito positivo de que estamos abrindo mais oportunidades no setor de inovação para as mulheres”, afirma Bruno Gasparini, responsável pelo estudo no SUPERA.

Realizado desde 2019, o mapeamento começa com a validação de startups já cadastradas, removendo as inativas e atualizando dados como tecnologias utilizadas, localização e áreas de atuação. Depois, inicia-se a busca ativa por novas empresas por meio de redes como ambientes de inovação, Sebrae, LinkedIn e outras fontes.

“Desde a primeira edição, o número de startups cresce ano após ano, com destaque também para cidades vizinhas que antes nem apareciam no estudo. Hoje, a inovação se espalha por toda a região metropolitana, não só Ribeirão”, destaca Gasparini.

O estudo de 2024 trouxe ainda análises inéditas sobre startups deep techs — empresas baseadas em pesquisa acadêmica e de alta complexidade tecnológica — e



Foto: Supera Parque

Evento do programa 'Juntas no Supera' em homenagem ao Dia da Mulher

os órgãos de fomento mais acionados pelas startups para viabilizar seus projetos.

Ciência que vira solução

Exemplo claro de como a inovação pode emergir da pesquisa acadêmica é a In Situ Terapia Celular, startup incubada no SUPERA que desenvolve biocurativos 3D com células-tronco para tratar feridas crônicas e queimaduras. A fundadora, Carolina Caliarri, é bióloga com mestrado e doutorado pela USP de Ribeirão Preto e criou a empresa com apoio do programa PIP da FAPESP.

“O que me atraiu foi levar para os pacientes a ciência que eu fazia na bancada. Nosso produto é único no país — usamos células do cordão umbilical com bioimpressão 3D”, explica Carolina. Para ela, o maior desafio foi migrar da ciência para o empreendedorismo: “Não se falava em empreendedorismo na biologia. Pensar em produto, escalabilidade e gestão foi um novo universo, e o apoio do SUPERA foi essencial”.

Ela também aponta as di-

ficuldades enfrentadas pelas mulheres: “Na graduação, somos maioria na biologia, mas vamos desaparecendo ao longo do caminho. Hoje, além de cientista e CEO, também sou mãe. A sobrecarga é real”.

Rede de apoio e representatividade

No ecossistema do SUPERA, o programa JUNTAS busca dar suporte às mulheres empreendedoras por meio de rodas de conversa e

troca de experiências. A iniciativa foi idealizada por uma estagiária e retomada neste ano.

“O objetivo é justamente oferecer apoio para lidar com questões difíceis do cotidiano de trabalho. Ainda enfrentamos estigmas que ligam inovação apenas a homens e tecnologia. Precisamos de mais visibilidade e voz para as mulheres”, comenta Camila Nigro, consultora do SUPERA.

Camila destaca que muitas das incubadas são da área da saúde e fundadas exclusi-

vamente por mulheres, e reforça que a inovação não se limita apenas à tecnologia — ela acontece em diferentes frentes e realidades.

Futuro com mais equidade

O cenário da RMRP mostra que a presença feminina na inovação é uma realidade crescente. Segundo Gasparini, não há um único fator que explique esse avanço, mas sim uma combinação de elementos: incentivo institucional, iniciativas de apoio, visibilidade e políticas de fomento.

“O que esperamos é que no futuro possamos alcançar uma maior equidade entre fundadoras e fundadores. Ainda levará tempo, mas estamos dando passos consistentes nessa direção”, conclui.

Para Carolina Caliarri, o avanço só será duradouro se vier acompanhado de apoio mútuo e confiança:

“O principal conselho que eu gostaria de dar para as mulheres que pensam em empreender é, primeiro, que acreditem nelas mesmas, porque é possível e elas são muito capazes. E, segundo, que hoje já existe uma rede de apoio de outras mulheres empreendedoras. Unindo forças, com certeza, conseguimos chegar mais longe.”



Foto: Tauany Ferreira

Carol Caliarri CEO da startup In Situ

Não-monogamia propõe novos caminhos para o amor e relações afetivas

Pesquisa do aplicativo Gleeden aponta que 53% dos brasileiros já vivenciaram algum tipo de relação não-monogâmica. Mas, afinal, o que isso significa?

ANA BEATRIZ MENDONÇA

Quando se fala em não-monogamia, muita gente imagina liberdade sexual, descompromisso ou simplesmente o desejo de ter mais de um parceiro. Mas, para quem vive esse modelo de relacionamento como prática política, a não-monogamia é uma forma de questionar valores tradicionais sobre amor, posse, exclusividade e família. Ela não trata apenas sobre com quem se relaciona, mas sobre como os vínculos são construídos ao longo da vida.

Alguns autores entendem a não-monogamia como um termo “guarda-chuva” que inclui diferentes formas de se relacionar fora da monogamia — como o relacionamento aberto, o poliamor ou o amor livre. Porém, especialistas lembram que essa discussão não se limita apenas a escolhas individuais.

“A monogamia é uma estrutura social que define o que é amor, ciúmes, compromisso. Ela organiza o afeto como uma forma de controle”, explica Bruno Faria, mestre em psicologia e professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Ele explica que a não-monogamia propõe uma reorganização dos afetos, não só nos relacionamentos românticos, mas também nas amizades, vínculos familiares e redes de apoio. Ou seja, essa reorganização toca em algo maior: a estrutura da própria sociedade.

O psicólogo Biel Coelho aponta que a monogamia surge historicamente junto com a propriedade privada, quando foi necessário garantir que a herança passasse para os “filhos certos”. A solução foi controlar a sexualidade das mulheres.

“A gente naturalizou o ciúmes como prova de amor, mas ele é uma construção. Só sentimos ciúmes daquilo que achamos que é nosso”, afirma.

Na prática, abrir mão da exclusividade não significa abrir mão de cuidado, nem de compromisso. A psicóloga A.C. de 30 anos, vive relações não monogâmicas há quase

dez. Ela conta que o processo foi transformador.

“O ciúmes me fazia mal fisicamente. Com o tempo, entendi que ele vinha mais do medo e da insegurança do que do outro. Hoje tenho muito mais saúde mental e uma rede de apoio que não existia nas relações monogâmicas.”, diz.

Para ela, o maior ganho

fiar é esperar que o outro não exerça sua autonomia. Na não-monogamia, confiança é saber que o outro é livre e que mesmo assim escolhe estar com você.”

Segundo o aplicativo Gleeden, plataforma de encontros extraconjugais, 42% dos brasileiros têm uma visão positiva sobre a não monogamia, e 21%

acreditam que esse será o modelo predominante no futuro. Mas mais do que tendência, essa pauta é um convite para pensar em como as relações que formamos podem sustentar, ou questionar estruturas de poder.

Para os defensores, trata-se de reconstruir os afetos com mais liberdade, mais consciência e mais verdade.



O infográfico representa a estrutura relacional de uma pessoa não monogâmica. No centro está o indivíduo, e ao redor, vínculos diversos coexistem sem hierarquia. Cada círculo representa uma conexão importante, que compõe, mas não define, a identidade de quem a vive. Na não monogamia, o afeto é descentralizado e múltiplo, e quem ocupa o centro das relações é o próprio indivíduo.

foi aprender a valorizar vínculos que antes pareciam “menores”. “Nas minhas relações monogâmicas, o namoro sempre estava acima de tudo, sobrando menos espaço para amizades ou família, por exemplo”.

Raianny Martins, 29, psicanalista que também vive a não-monogamia, aponta que esse modelo permite resgatar a autonomia. “A mulher foi ensinada a pertencer a alguém. Quando você vive uma relação que não exige exclusividade, você descobre que pode amar sem se apagar.”

Bruno completa: “Muita gente acha que exclusividade é sinônimo de confiança. Mas, na monogamia, con-

Dica de leitura



Descolonizando Afetos - Geni Núñez

Na obra *Descolonizando Afetos*, a psicóloga e ativista indígena Geni Núñez propõe uma reflexão profunda sobre como o colonialismo moldou a maneira como nos relacionamos. A autora questiona o fato de a monogamia ter sido colocada como modelo único e mostra como esse formato foi usado historicamente para controlar afetos, especialmente os das mulheres e dos povos indígenas.

Com uma linguagem acessível, o livro convida a desaprender as formas de amar baseadas na posse, na exclusividade e na hierarquia. A leitura é uma ótima porta de entrada para quem deseja entender a não monogamia como prática política e ferramenta de transformação social.



Foto: Arquivo pessoal

Raianny Martins, 29, psicanalista, vive uma relação não monogâmica há dois anos. Para ela, amar sem exclusividade é também uma forma de resgatar autonomia

Conforto, pertencimento e ilusão: por que a geração Z é tão fascinada pelo passado?

A busca pelo alívio revisitando o passado tranquiliza os jovens da geração imediatista, destacam especialistas

BEATRIZ DUZ

A busca pelo alívio revisitando o passado tranquiliza os jovens da geração imediatista, destacam especialistas.

Seja na moda, na música, em séries ou em produtos retrô, a nostalgia tem se consolidado como um elemento central na rotina dos jovens e no mercado de consumo nos últimos anos. De acordo com especialistas ouvidos pelo Jornal da Barão, o sentimento é mais do que um simples 'tradicionalismo'. Esse fenômeno reflete um desejo por experiências mais autênticas e concretas, em oposição à instantaneidade da era digital.

O estudante de jornalismo, Guilherme Moro, conta que o hábito de colecionar discos começou ainda na infância, em passeios que fazia com a avó, costume que mantém até os dias de hoje.

"Eu tinha o hábito de ir com a minha avó no centro de Ribeirão Preto quando tinha 14 anos, e sempre passávamos em um sebo, ela constantemente voltava com um disco novo, ou do Ultrage a rigor, ou de alguma banda do Rock Nacional. Então, é um hábito que eu exerço atualmente, mas que começou na minha infância, passando para minha vida adulta", explica Guilherme.

A nostalgia envolve muito mais do que coleções, mas passa também por toda a estética do nosso tempo. Segundo o sociólogo, Wlaumir Souza, a crescente influência da nostalgia no comportamento jovem pode ser explicada, por exemplo, pelo ritmo acelerado da vida moderna e pelo excesso de estímulos virtuais.

"A viralização nas redes sociais e plataformas como o TikTok, mostram o esvaziamento das pessoas e mostra a infertilidade da vida", afirma.

Desconexão com o presente

Ele também destaca que a nostalgia pode refletir uma desconexão com o presente e a ausência da expectativa



Homem analisando DVDs

para o futuro. "Refugiar-se no passado pode dar a ilusão de que ele era melhor do que o presente, como se as crises não fossem uma constante oscilação na história humana", destaca.

Para o sociólogo, esse fenômeno também se manifesta na idealização de relações e conexões pessoais mais profundas e humanizadas em tempos passados. "A tecnologia trouxe praticidade, mas também distância emocional. Muitos jovens romantizam o passado sem perceber que os desafios sempre existiram."

De acordo com Guilherme, as coleções são feitas mais pela carga de significado afetivo que representa para ele do que qualquer outra coisa.

"Colecionar não é apenas ter um item raro, mas preservar memórias e histórias. Cada disco de vinil, cada peça de roupa vintage ou acessório carrega um significado pessoal", comenta.

Ele acredita que a nostalgia não se resume a um tradicionalismo do passado, mas também à ideia de continuidade e permanência.

Excesso de estímulos e redes sociais.

A psicóloga, Ingrid Décio, defende que a nostalgia pode ser uma resposta emocional ao excesso de estímulos das redes sociais e à incerteza da vida moderna. "O passado é frequentemente idealizado como um tempo mais simples e seguro. Isso cria uma sensação de conforto e per-

tencimento para aqueles que percebem o presente como caótico e imprevisível", explica.

Para ela, a busca por referências de outras épocas também fortalece a identidade e a conexão emocional dos jovens com o grupo a partir da ideia de um passado estável.

"A busca por referências do passado podem também incluir o jovem diferentes grupos que compartilhem dessa mesma nostalgia, pode ser uma nostalgia em formas de se vestir, de músicas. Essas memórias e valores trazem o sentimento de pertencimento, uma história que reforça a identidade do indivíduo, sensação de segurança."

O interesse crescente por produtos retrô não é uma novidade, mas a digitalização e o poder das redes sociais impulsionaram ainda mais essa tendência. Segundo José de Melo Junior, proprietário do sebo e livraria Geringonça, a demanda por objetos antigos sempre existiu, mas a internet permitiu que novos públicos acessassem esse mercado.

"Brechós, sebos e antiquários sempre foram nichos de consumo, mas hoje estão mais acessíveis graças às plataformas digitais", afirma. Para ele, o apelo desses produtos não está apenas na nostalgia, mas também na estética e no valor colecionável.

Estética retrô e noção de exclusividade

As redes sociais desempe-

nam um papel fundamental na disseminação do sentimento de nostalgia. José de Melo explica que influenciadores e criadores de conteúdo impulsionam essa tendência ao resgatar modas passadas em roupas, músicas e estilos de vida. "Séries como Stranger Things e Wandinha ou o revival de artistas dos anos 80 e 90 têm impacto direto na busca por produtos relacionados", exemplifica.

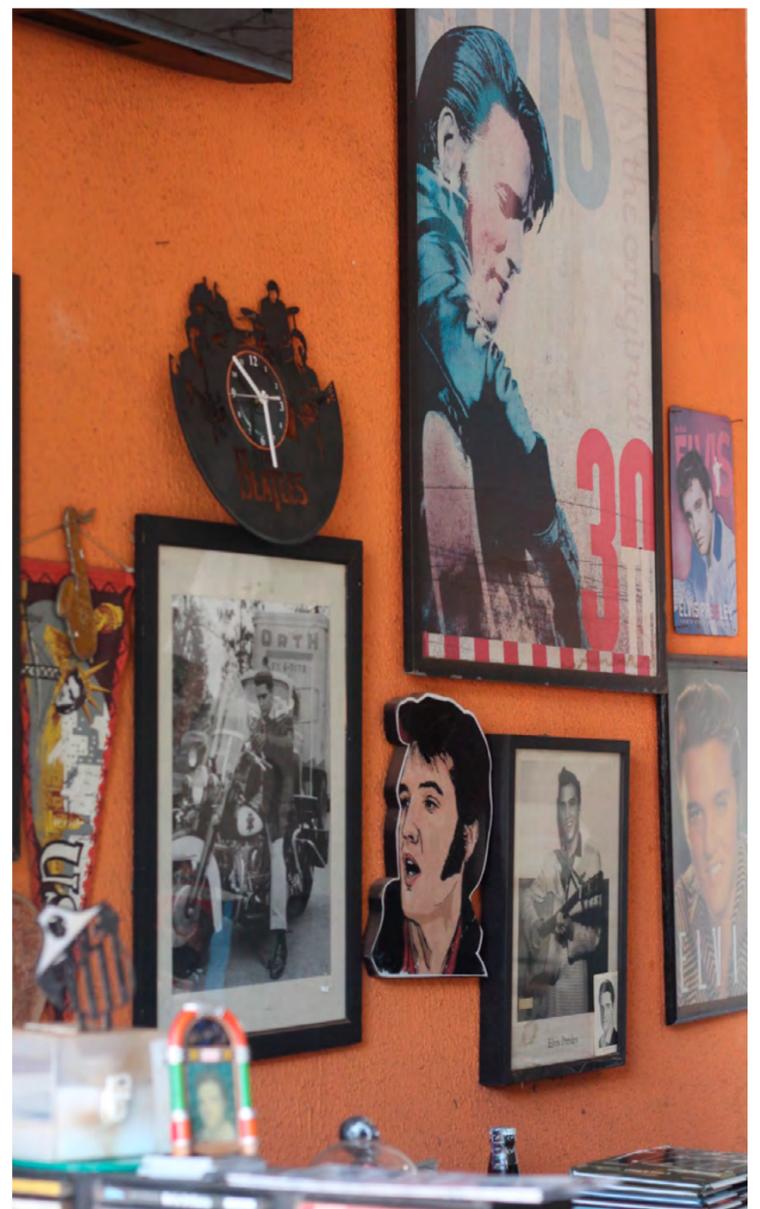
Essa influência também se reflete no cinema, na música e no design de produtos. O mercado fonográfico viu uma retomada do vinil, enquanto eletrodomésticos e eletrônicos modernos adotam estéticas vintage para atrair consumidores. "Vitrolas, geladeiras com design retrô, câmeras analógicas reformuladas... esse apelo visual continua forte", comenta José.

A questão é: essa bus-

ca pelo passado é apenas uma tendência momentânea ou um comportamento consolidado?

Para o lojista José de Melo, a nostalgia sempre existirá, mas seu impacto no mercado varia conforme o contexto econômico. "Quando a economia está bem, as pessoas investem mais em produtos culturais. Em tempos de crise, o consumo tende a cair, mas não desaparece", analisa.

O sociólogo Wlaumir Souza, argumenta que, a nostalgia permanecerá enquanto as novas gerações não encontrarem um significado mais profundo no presente e no futuro. "A vida requer significados. Se não os encontramos no presente ou no futuro, buscamos no passado. Essa necessidade humana não deve desaparecer tão cedo", conclui.



Acervo de discos de vinis e CDs

Restauração da Catedral de Ribeirão Preto entra em nova fase após diagnóstico estrutural e mobilização da comunidade

Com mais de um século de história, templo símbolo da cidade passa por intervenção delicada para conter danos estruturais e preservar acervo artístico raro

JENIFFER SANTOS

Após quase uma década desde os primeiros laudos técnicos que apontaram patologias estruturais em suas fundações, a Catedral Metropolitana de Ribeirão Preto avança para uma nova etapa de sua restauração. Com mais de 107 anos de história, o edifício, um dos mais emblemáticos da cidade, passa por um meticuloso processo de reforço estrutural e preservação artística, enfrentando não apenas desafios técnicos, mas também entraves burocráticos e limitações financeiras.

O projeto, liderado pela Comissão de Restauro da Catedral e pela Arquidiocese de Ribeirão Preto, tem orçamento estimado em R\$ 14 milhões e um prazo de execução de até cinco anos. De acordo com Renato Aguiar, presidente da comissão, o valor pode ser revisto diante do aumento nos custos de insumos como aço e concreto. “A campanha ‘Salve a Catedral’ busca mobilizar a sociedade por meio de doações, eventos culturais e ações voluntárias. É um esforço coletivo para preservar um patrimônio que pertence a todos os moradores da cidade”, afirma.

Diagnóstico técnico aponta risco de rupturas parciais

O alerta mais recente veio do arquiteto e patologista de edificações Oscar Eustáquio, responsável por estudos técnicos sobre o edifício. Ele aponta que a estrutura apresenta sinais claros de deslocamento e tração, com riscos de rupturas parciais — como a queda de vitrais ou painéis internos. “Não é uma ruptura total, mas há potencial para acidentes que coloquem pessoas em risco. A torre frontal, por exemplo, apresenta torção provocada por peso desproporcional e movimentos contínuos da via em frente à igreja”, explica.

Entre as soluções propostas estão a instalação de microestacas para estabilização, o uso de amortecedores semelhantes aos usados em pontes e até a criação de uma



Catedral Metropolitana de Ribeirão Preto passa por restauração para preservar estrutura e acervo artístico

interface física entre o solo e a estrutura para dissipar a energia das vibrações urbanas. “A Catedral sofre como uma ponte. O trânsito pesado, as trepidações e o desgaste do tempo se somam a um conjunto de fatores que precisam ser compreendidos com modelagem matemática antes de qualquer intervenção”, acrescenta Eustáquio.

Fé e patrimônio: a mobilização da comunidade

A iniciativa de restauração foi articulada ainda em 2015 pelo padre Francisco Moussa, que buscou laudos técnicos ao perceber o agravamento das rachaduras na estrutura. “No começo houve dúvidas, mas quando os danos se tornaram visíveis, a comunidade compreendeu a urgência. Desde então, temos promovido rifas, quermesses, bingos e doações espontâneas”, relata o sacerdote.

Mesmo durante as obras, a Catedral permanecerá aberta. “Nosso projeto prevê metodologias que não interfiram no funcionamento religioso. Haverá um momento celebrativo ao final, algo simbólico, como foi feito na reabertura da Notre-Dame de Paris”, antecipa Moussa.

Presente nas celebrações aos sábados, a aposentada Irene Fernandes, de 67 anos,

é uma das frequentadoras que mais sente o impacto da reforma. Para ela, a Catedral é mais do que um templo religioso — é um espaço de acolhimento e pertencimento. “Ela representa muita coisa, sempre representou. Agora, eu participo mais das missas de sábado. Como sou mais de idade e tenho receio de sair sozinha, vir aqui me traz segurança. Essa reforma é muito importante e já era pra ter acontecido”, comenta.

Irene também expressa certa preocupação com as mudanças, mas confia na importância da intervenção: “A Catedral tem muitos detalhes, muitas coisas... Às vezes eu penso: ‘Será que vai ser como ela é?’ Mas é necessário fazer. Eu tenho medo de mudar o que já é tradicional.” Ainda assim, ela acredita que a revitalização trará novos olhares para o espaço. “É com muita alegria que eu recebo essa reforma. Deus mantenha sempre essa obra e que ela vá pra frente mesmo.”

Um legado histórico e artístico a ser preservado

O valor histórico da Catedral transcende sua função religiosa. Para o historiador Bruno Paiva Meni, trata-se de um “patrimônio vivo” que concentra manifestações de fé, cultura e memória. “Ela foi palco de grandes acontecimentos da cidade. Além disso, abriga obras de Benedi-

to Calixto, Nicolau Biagini e vitrais da Casa Conrado, elementos raríssimos e de altíssimo valor artístico”, ressalta.

Segundo Meni, a restauração precisa respeitar a arquitetura neogótica original, datada do início do século XX. “Não se trata apenas de consertar uma estrutura, mas de manter viva uma linguagem artística e espiritual que fala sobre a identidade de Ribeirão Preto”, afirma.

Próximos passos

Após a finalização da primeira fase, entre 2016 e 2019, que contemplou a parte posterior do edifício, os esforços agora se concentram na área frontal, incluindo a nave

central, torre e cúpulas. A intervenção será acompanhada por laudos complementares e ações emergenciais de contenção, como o escoramento de áreas críticas e a restrição de circulação em pontos vulneráveis.

Enquanto as obras avançam, a campanha “Salve a Catedral” amplia sua presença nas redes sociais e conta com o apoio de nomes como o cantor Daniel, o narrador Cleber Machado e o filósofo Mario Sergio Cortella. “A restauração da Catedral é uma causa que transcende a religião. É uma missão de toda a cidade com sua própria história”, conclui Renato Aguiar.



Detalhes artísticos da Catedral de Ribeirão Preto evidenciam desgaste

Medalhistas de Ribeirão Preto destacam a importância de políticas públicas para carreiras esportivas

Atletas da cidade compartilham como o bolsa-atleta e infraestrutura de qualidade nos centros esportivos são essenciais para profissionalização das modalidades

TAUANY FERREIRA

O incentivo ao esporte, por meio de apoio financeiro e da melhoria dos espaços públicos, impactam a vida de qualquer atleta. Em Ribeirão Preto, Zileide Cassiano, corredora paraolímpica do salto em distância, e o ginasta Chico Barretto são exemplos de como programas de auxílio financeiro e a oferta de infraestrutura adequada para treinamento fazem diferença no desenvolvimento esportivo voltado às competições profissionais.

No âmbito financeiro, a cidade conta com o programa Bolsa-Atleta, do Governo Federal, que beneficia esportistas vinculados à Secretaria Municipal de Esportes. Para receber o auxílio, que pode chegar a R\$ 3.437, nos níveis mais altos, é preciso estar inscrito na secretaria e registrado em um clube ou entidade esportiva. Aos 27 anos, Zileide se destaca no atletismo e já coleciona conquistas expressivas. Medalhista no salto em distância na classe T20 nos Jogos de Paris, ela conquistou o ouro no Mundial de Kobe 2024 e a prata no Mundial de Paris 2023.

Durante sua trajetória, recebeu o auxílio dos 9 aos 19 anos, suporte fundamental para o desenvolvimento no esporte. Para Zileide, o benefício teve um papel decisivo em sua carreira.

“A Bolsa-Atleta de Ribeirão Preto é fundamental, pois um atleta profissional tem muitos gastos. Quando conquistei a bolsa, fiquei muito feliz, porque isso também ajudava meus pais. Isso me motivou ainda mais a me dedicar ao esporte com garra”, diz.

Segundo ela, custos com fisioterapia, nutricionista, transporte, viagens e alimentação fazem parte da rotina esportiva, e o benefício é essencial para quem está começando. “Eu recebia passe de ônibus para treinar, porque meus pais não tinham condições de pagar”, relembra.

O ginasta artístico Chico Barretto começou no esporte aos 7 anos, treinando na Cava do Bosque, sem apoio financeiro. Pouco depois, passou a treinar na escola COC, onde

Foto: Comitê Paralímpico Brasileiro



Zileide Cassiano é medalha de prata no salto em distância T20

Foto: Ricardo Bufolin



Chico Barretto nos Jogos Olímpicos de Tokyo

seu pai conseguiu um emprego. Permaneceu em Ribeirão Preto até os 10 anos, mas, após um período de um ano e meio afastado dos treinos, retomou sua trajetória aos 13 anos em São Caetano do Sul (SP).

Entre as conquistas do esportista, destaca-se a medalha de bronze nas barras paralelas na Copa do Mundo de Ginástica Artística de São Paulo, em 2015. Outro marco em sua trajetória foi a participação na primeira equipe masculina completa da ginástica brasileira nos Jogos Olímpicos de 2016, um feito histórico para a modalidade no país.

Barretto também alcançou um resultado inédito ao conquistar o quinto lugar na

final da barra fixa, a melhor colocação do Brasil na história do aparelho. Aos 35 anos e atualmente aposentado, ele realiza o sonho de treinar novos atletas em seu centro olímpico de ginástica artística em Goiânia (GO).

Infraestrutura impõe dificuldades

No entanto, essas conquistas não significam que a trajetória foi fácil. O atleta relembrou as dificuldades enfrentadas nos treinos na Cava do Bosque, destacando a estrutura inadequada do ginásio e a baixa qualidade dos aparelhos.

“A diferença entre a estrutura do COC e a da Cava do

Bosque sempre foi evidente. Enquanto o COC conta com instalações modernas e bem equipadas, a Cava do Bosque nunca teve — e ainda não tem — uma estrutura adequada”, comentou o esportista.

O problema de infraestrutura impacta diretamente os atletas que treinam na Cava do Bosque, como Victoria Ferreira Cabral, de 17 anos, que pratica ginástica artística no local desde os 8 anos. Para ela, os equipamentos precisavam de melhorias.

“Eles poderiam melhorar muito, faz muito tempo que não tem uma reforma nos aparelhos”, afirma a atleta.

A última reforma do Complexo Esportivo da Cava do Bosque ocorreu em 1988.

De acordo com Secretaria de Esporte de Ribeirão Preto, o município tem tomado medidas para revitalizar o espaço.

Segundo o secretário de Esporte da cidade, Matheus Henrique, as instalações já foram inspecionadas e a equipe encontrou lixo acumulado há mais de 16 anos. A limpeza do local já começou, e ele adiantou que a pintura do local será feita ainda este ano.

Além disso, os vestiários passarão por uma reforma completa. “Lá não tem como pregar mais um prego, é necessário reformar de verdade, ou seja, reestruturá-la”, ressaltou.

A secretaria também anunciou a reabertura da pista de atletismo da Cava do Bosque aos finais de semana, após oito anos fechada nesses dias.

Agora, o espaço funciona aos sábados, das 6h às 18h, e aos domingos até às 12h, permitindo que a população aproveite a área para caminhadas, corridas e outras atividades ao ar livre.

Mesmo antes da revitalização, a reabertura busca aproximar a comunidade do espaço público para promover o acesso. “Queremos que a população veja como o local está sendo tratado e participe ativamente. A melhor forma de cuidar desses espaços é utilizando”, afirma.

Serviços esportivos gratuitos em Ribeirão Preto

Cava do Bosque

Um dos principais complexos esportivos da cidade, a Cava do Bosque oferece mais de 2.000 vagas em mais de 20 modalidades, incluindo futebol, vôlei, futsal, basquete, handebol, judô, karatê e taekwondo. O espaço também conta com modalidades inclusivas, como paratletismo e basquete em cadeiras de rodas.

Além das aulas, o local fica aberto para caminhadas, corridas e outras atividades ao ar livre aos sábados, das 6h às 18h, e aos domingos até às 12h. Endereço: Rua Camilo de Matos, 627, Campos Elíseos Telefone: (16) 3604-9900

Faculdade de Educação Física e Esporte da USP (EEFERP)

A Faculdade de Educação Física e Esporte da USP desenvolve projetos esportivos gratuitos há 15 anos, atendendo crianças, jovens, adultos e idosos. As atividades incluem natação, futebol, ginástica, capoeira, entre outras modalidades. A cada semestre, 600 novas vagas são abertas, e as práticas esportivas não se limitam ao campus: ações extramuros levam o esporte para praças, o calçadão do centro, parques e outros espaços públicos.

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900, Vila Monte Alegre. Telefone: (16) 3315-0529

Incentivo financeiro ao esporte de alto rendimento

Criado em 2005 pelo Ministério do Esporte, o Bolsa Atleta é um programa de patrocínio individual voltado para atletas e para-atletas de alto rendimento que competem em nível nacional e internacional. O objetivo é garantir suporte financeiro para os beneficiados.

‘Sócrates Brasileiro’: documentário retratará trajetória de um dos personagens mais complexos do futebol nacional

Série documental do Globoplay, dirigida por Walter Salles, narra a trajetória de Sócrates desde a infância até sua atuação como símbolo da luta democrática no futebol

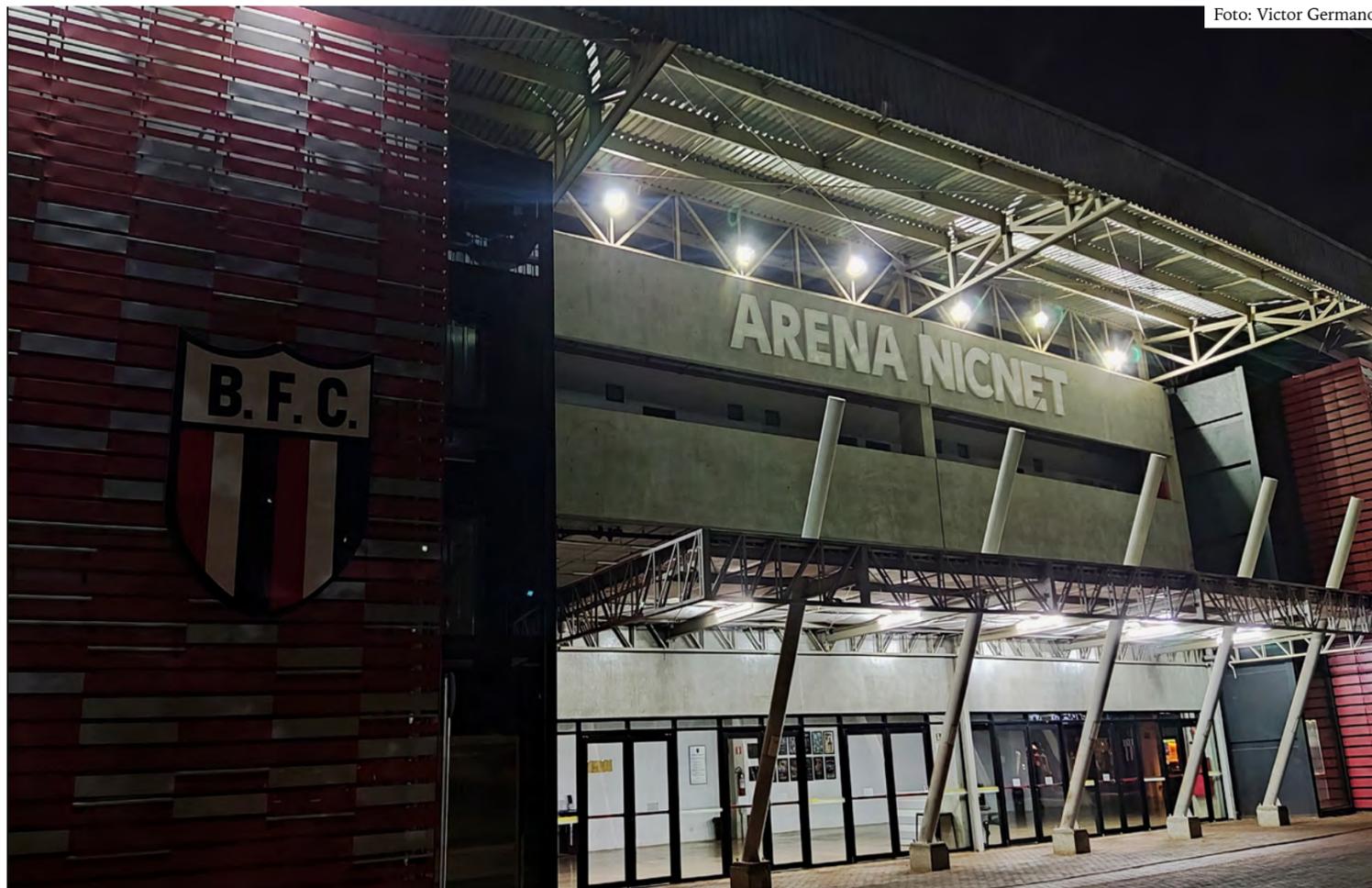


Foto: Victor Germano

Estádio Santa Cruz, casa do Botafogo SP, clube em que Sócrates iniciou e encerrou sua carreira

VICTOR GERMANO

A série documental Sócrates Brasileiro, sobre a vida e o legado de Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, tem previsão de lançamento, pela Globoplay, para 2026. Dirigida por Walter Salles, a produção terá quatro episódios e abordará desde a infância do jogador em Ribeirão Preto até sua atuação como ídolo do Corinthians e da Seleção Brasileira. O conteúdo também dará destaque à formação em Medicina e ao papel político de Sócrates na luta pela redemocratização do país, nos anos 1980.

Com entrevistas de familiares, ex-jogadores e jornalistas, a série pretende retratar diferentes aspectos do ex-meia que se destacou não apenas pelos passes precisos e gols, mas também pela postura crítica diante da realidade brasileira. Estão entre os nomes confirmados Raí, irmão do jogador, além de Zico, Casagrande, Juca Kfouri e José Trajano.

Segundo o documentarista Alessandro de Oliveira, a riqueza da trajetória de Sócrates exige decisões cuidadosas

sobre quais momentos priorizar na narrativa. “Só a passagem dele no Corinthians já daria um longa. Ele jogou na Itália, participou de Copas, foi médico, viveu intensamente. É um personagem com muitas camadas”, afirma. Ele destaca ainda o papel da trilha sonora e da montagem na criação de conexão emocional com o público. “Não é só sobre mostrar imagens, mas gerar envolvimento. O jeito de contar muda conforme o meio: streaming, redes sociais, cinema.”

A história começa no Botafogo-SP, clube de Ribeirão Preto, cidade onde Sócrates iniciou a carreira esportiva e também cursou medicina na USP local. Com a camisa tricolor, disputou 269 partidas e marcou 101 gols. Em 1977, liderou a equipe na conquista da Taça Cidade de São Paulo, equivalente ao primeiro turno do Campeonato Paulista, ganhando projeção nacional.

“Ele estudou, jogou, viveu a boemia e fez amigos. Ribeirão ajudou a moldar quem ele foi. É impossível entender o Sócrates sem citar sua passagem pela cidade”,

afirma o jornalista Vinícius Alves, autor de um livro sobre o jogador. Segundo ele, a consciência crítica do atleta se formou ainda na infância, marcada pelo impacto das ações repressivas durante a ditadura militar. “O pai dele era muito culto, possuía um acervo em casa, e Sócrates o

viu queimar livros com medo da repressão. Aquilo mexeu com ele”, relata.

Sua fase mais marcante ocorreu no Corinthians, onde disputou 298 jogos e marcou 172 gols. No clube, foi campeão paulista em 1979, 1982 e 1983, além de ter sido um dos líderes da Democracia

Corinthiana — movimento que defendia decisões coletivas dentro do elenco, em um período em que o país ainda vivia sob regime militar. A proposta de autogestão do grupo de jogadores se tornou símbolo político e cultural no cenário esportivo da época.

Na Seleção Brasileira, vestiu a camisa amarela em 63 partidas e marcou 25 gols. Disputou duas Copas do Mundo: em 1982, como capitão, e em 1986, como uma das lideranças técnicas e morais do elenco. Dentro de campo, era reconhecido pela inteligência tática, pelos passes de calcanhar e pela visão de jogo. Fora dele, suas declarações políticas ganharam destaque e continuam sendo lembradas até hoje.

De acordo com Vinícius Alves, o documentário pode aproximar a figura de Sócrates de um novo público. “Muitos jovens ouviram falar dele por parentes, mas não o conhecem a fundo. O documentário é uma ponte entre passado e presente”, avalia.

Sócrates faleceu em 4 de dezembro de 2011, aos 57 anos. Ainda hoje, sua trajetória é vista como um exemplo de engajamento e coragem. “Ele provou que o jogador também pode pensar, opinar e participar das discussões do país”, finaliza.

Fotos: Victor Germano e Arthur Theodoro

ETERNO DOUTOR



CALCANHAR DE OURO DOUTOR SÓCRATES MAGRÃO

Linha do tempo retratando o período de atuação do ex-jogador Sócrates em cada um dos clubes que passou no decorrer de sua carreira

A reitora que derrubou paradigmas e paredes

Antes de alcançar o cargo máximo do Centro Universitário Barão de Mauá, Valéria Tomás superou dificuldades e enfrentou um ambiente masculino ao se formar em Ciências da Computação nos anos 1990. Ao chegar lá, em 2021, a primeira medida foi quebrar as paredes da reitoria para aproximar os núcleos e promover o diálogo entre a gestão universitária

TAUANY FERREIRA

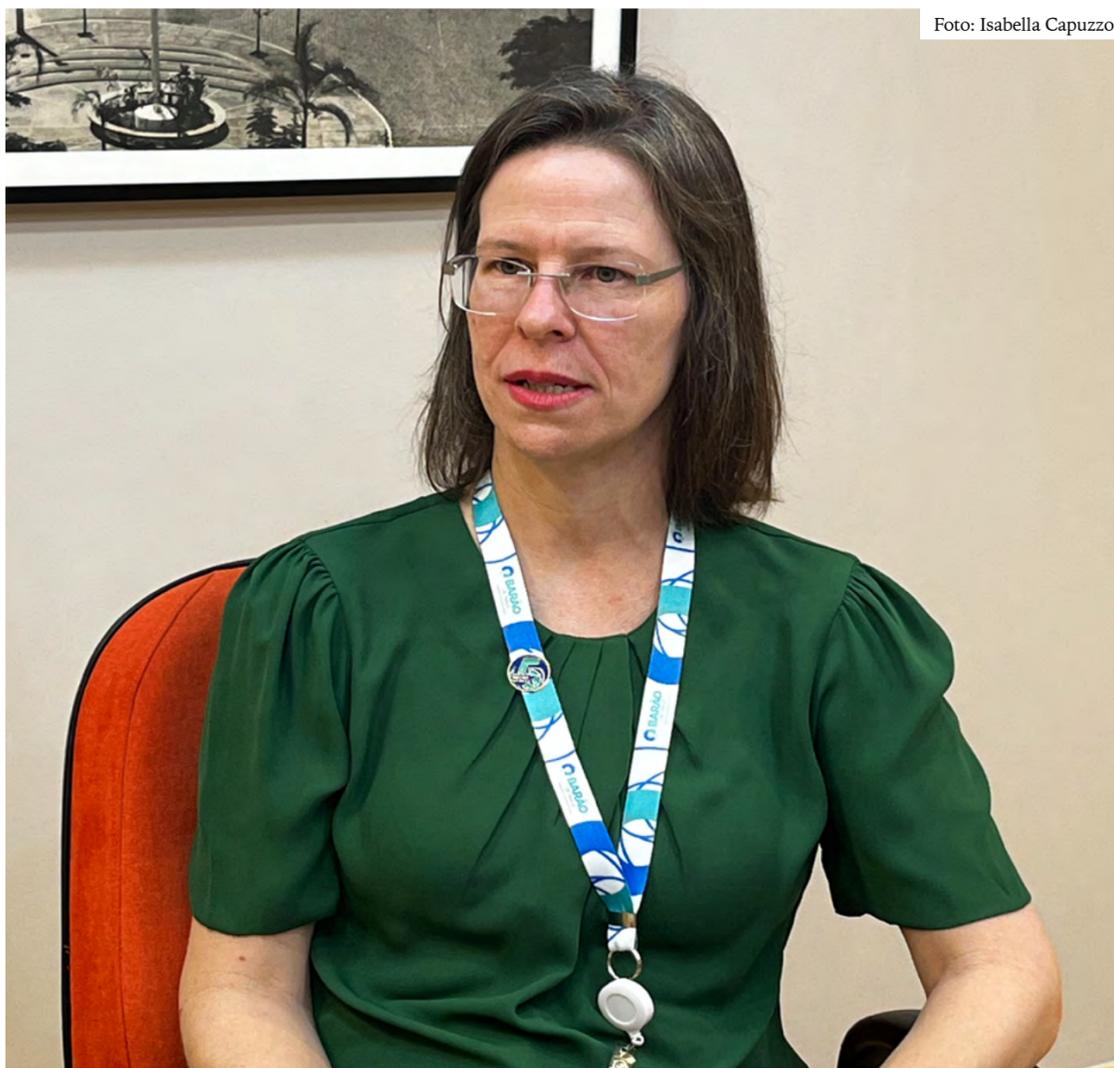


Foto: Isabella Capuzzo

Valéria Tomás de Aquino durante entrevista ao jornal da Barão de Mauá

Valéria Tomás de Aquino Paracchini nasceu na pequena cidade de Palestina, no interior de São Paulo. De família humilde, o pai e a mãe não tiveram oportunidade para estudar e não conseguiam arcar com os estudos da faculdade da filha. Isso nunca a impediu de tentar. E foi assim que a atual reitora do Centro Universitário Barão de Mauá quebrou a primeira parede: a superação de dificuldades.

A segunda parede foi a formação em Ciências da Computação pela Unoeste (Universidade do Oeste Paulista) ainda nos anos 1990, auge da dominação masculina da área e em tempos onde a formação em tecnologia ainda era rodeada de preconceitos e incertezas.

Trinta anos depois, ela soma 26 anos de dedicação ao Centro Universitário Barão de Mauá, onde construiu uma trajetória marcada por superação e compromisso com a educação. Ao se tornar reitora, em 2021, Valéria quebrou novamente paredes, agora de forma literal: criou um espaço em que todas as pró-reitorias pudessem dialogar e estar em contato, olhando no olho com

maior agilidade, proximidade e comunicação entre os órgãos.

O início: a superação e formação em Ciências da Computação

Antes da formação em Computação, Valéria já tinha o curso de magistério e trabalhava como assistente de sala em um colégio particular. Mas ela queria mais, por isso decidiu se arriscar e dar um novo passo rumo ao seu sonho.

“Depois de fazer o magistério, eu me garanti como professora para poder me sustentar, mas eu pensei: qual profissão vai precisar sempre existir daqui cinco anos? Bom, o computador vai ser uma viagem sem volta”, apostou.

Foi assim que, em 1994, ingressou no ensino superior por meio de um crédito educativo, para cursar Ciências da Computação na Unoeste, em Presidente Prudente, no Centro-Oeste paulista. Ali, encontrou uma boa oportunidade para sair de casa e se formar em uma profissão promissora para sua época. A distância dos pais se tornou uma realidade dura: foi apenas com uma cesta bási-

ca, pois tinha medo de passar fome, já que estava longe de casa e não possuía estabilidade financeira naquele momento.

A área de tecnologia sempre foi mais cursada por homens, mas isso nunca foi um problema para Valéria. “Nós éramos apenas cinco mulheres e todas conseguiram concluir o curso”, diz, com orgulho.

De professora a reitora na Barão de Mauá

Em 1999, Valéria começou a dar aulas, logo após se formar, como substituta. O que era para ser uma “substituição” tornaram-se 13 anos como docente, ministrando disciplinas voltadas à programação. Nesse momento, ela também havia sido chamada para participar de uma pesquisa de uma bolsa de estudo, mas optou pela Barão.

“Bom, a bolsa vai acabar e na Barão a minha carreira pode continuar, né?”, ponderou.

No mesmo ano, ingressou no mestrado em Ciências da Computação na Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos. A dissertação “Avaliação automática de exames

de proficiência em inglês” era uma solução visionária do uso de computadores e da automatização na educação, o que mostra a veia inovadora de Valéria ainda no início da carreira.

Com a carreira docente já consolidada, em 2010 ela passou a atuar no Departamento Didático Pedagógico (DDP), que tem como objetivo cuidar da capacitação dos docentes e coordenadores. Segundo Valéria, o setor é o coração da instituição, pois ter bons professores para os estudantes é ter professores capacitados na docência.

Já em 2012, surgiu a oportunidade de trabalhar como pró-reitora de ensino, onde atuou por 9 anos. Em 14 de setembro de 2021, Valéria foi convidada para ser reitora da Barão de Mauá. Na cerimônia de posse, ela foi reconhecida por sua dedicação e valiosa atuação na instituição. Para ela, ser reitora não é status, mas sim uma função que exige responsabilidade, que são os alunos, professores e coordenadores.

“Eu contribuo para a gente pensar juntos, cada um tem o seu talento e inteligência e isso faz tudo isso ser completo para juntos pensarmos melhor”, comentou. Foi assim que Valéria quebrou a terceira parede.

A história de vida se transforma na gestão empática

A sensibilidade é uma das marcas da atual reitoria. Valéria passou por muitas dificuldades financeiras e, por isso, como reitora entende os desafios e problemas enfrentados pelos alunos.

Para ela, cada estudante tem uma história, seja dificuldade financeira familiar, trabalhar em dois lugares para arcar com a faculdade, trabalhar o dia inteiro e estudar a noite, chegar em casa com a mente cansada, não conseguir dormir no final de semana. Ela se diz atenta a esta realidade.

É através de todos esses problemas, muitos que ela também já enfrentou, que ela tenta trazer sua bagagem, suas dores que viveu quando universitária.

“Eu conversava muito com os alunos, é preciso dar esperança em uma fase tão importante, mas difícil como essa”, diz Valéria.

Saiba o que a reitora pensa sobre temas relacionados à educação superior e o futuro da Barão de Mauá:

Jornal da Barão: Barão obteve destaque no ENADE do ano passado, especialmente com o curso de Publicidade e Propaganda, que teve a melhor nota entre as instituições privadas do estado. Como a Barão trabalha para alcançar esse desempenho e preparar os estudantes?

Valéria Tomás: Essa nota do ENADE é um reflexo da aprendizagem dos nossos alunos e do desenvolvimento que temos promovido com tanto cuidado. Há seis anos, desenvolvemos um projeto de incremento da qualidade, no qual tiramos o foco do ensino e passamos a priorizar a aprendizagem. Esse projeto foi pensado com base em três pilares.

O primeiro é o Projeto Pedagógico do Curso, que define todo o caminho que o aluno vai percorrer na formação. O segundo é o plano de aprendizagem, que é o jeito como cada professor coloca esse percurso em prática dentro da sala de aula – cada disciplina contribui com o desenvolvimento das competências previstas no curso.

E o terceiro pilar é a avaliação, que agora usamos como ferramenta para mapear o que o aluno realmente aprendeu e identificar onde estão as dificuldades, para poder trabalhar esses pontos. Esses três elementos se conectam e garantem que o processo de ensino e aprendizagem seja mais completo e eficaz.

Jornal da Barão: Na sua opinião, quais são os principais desafios que o ensino superior enfrenta atualmente no Brasil?

Valéria Tomás: A educação básica sofreu um apagão de docentes, muitos dos jovens não estão se voltando para as licenciaturas. Um exemplo, é o curso de história, a Barão é a única instituição particular da região que ainda tem esse curso. A cada semestre enfrentamos o desafio de ter alunos que querem fazer licenciatura.

Jornal da Barão: Segundo dados recentes, mais de 50 mil alunos ingressaram no ensino superior em Ribeirão Preto em 2023 — um crescimento acima da média nacional, puxado especialmente pelo ensino a distância (EAD). Valéria, qual sua análise sobre esse fenômeno?

Valéria Tomás: O EAD tem potencial para democratizar o ensino, alcançando regiões distantes, mas exige muito cuidado e responsabilidade das instituições. É essencial que o foco seja a aprendizagem do aluno, e não apenas o aumento de matrículas. Muitos estudantes optam por estudar à distância pelo custo mais baixo, mas nem sempre conseguem identificar a qualidade do curso. Por isso, é importante acompanhar a empregabilidade dos formados para avaliar a efetividade do EAD.

Jornal da Barão: O uso da inteligência artificial generativa, como o Chat GPT, tem crescido entre alunos e professores. Para você, Valéria, esse avanço representa uma evolução positiva no ensino ou ainda precisa de mais regulação

e orientação nas instituições?

Valéria Tomás: Na minha opinião, o uso da inteligência artificial precisa ser bem regulado, pois a aprendizagem envolve

um processo cognitivo que exige participação ativa. Minha maior preocupação hoje é que tanto alunos quanto professores não utilizem a IA de forma adequada como, por exemplo, quando o

aluno a usa apenas para entregar um trabalho pronto.

Na Barão, temos estudado bastante essa questão. Sabemos que alunos e professores já fazem uso dessas ferramen-

tas, mas estamos em processo de regulamentar essa prática.

A tecnologia não pode ser ignorada, mas é fundamental termos cautela na forma como ela é aplicada.

Foto: Isabella Capuzzo



Quadros com fotos das unidades do Centro Universitário Barão de Mauá

A BARÃO DE MAUÁ É REFERÊNCIA DE QUALIDADE NO ENSINO.



CONCEITO
MÁXIMO
NO MEC

CRÔNICA

Cuscuz, galinha caipira e o refrigerante de cajuína

TAUANY FERREIRA

Eu tinha 17 anos. Tinha acabado de sair de um relacionamento tóxico e tudo o que eu mais queria era o aconchego da minha avó. Peguei um ônibus rumo ao Ceará e passei três dias na estrada, junto com outras pessoas que também buscavam o mesmo destino: o retorno às raízes, ao tão querido Nordeste.



Eu já sabia o que me esperava: o Padre Cícero, a comida da minha avó, o sítio do meu pai, a seriguela – aquela frutinha redonda e alaranjada típica da região –, e a vendinha do meu falecido avô. Quando a vi pela última vez, ele ainda estava vivo. Agora, o lugar tinha se transformado em um quartinho de bagunças. Também sabia que reencontraria as galinhas da minha avó, sua mania de oferecer comida a cada dez minutos, e a casa sempre cheia, com aquele entra e sai de pessoas. Lá, todo mundo confia em todo mundo. Tudo isso se misturava dentro de mim, ainda dentro do ônibus: ansiedade, curiosidade, saudade e uma pitada de aventura.

Assim que cheguei, meu primo veio me buscar.

— Iae, muié? – disse ele, com aquele sotaque arrastado e familiar.

— Boa tarde, primo! Quanto tempo! – respondi, com um sorriso cansado e feliz.

Logo no café da manhã, fui recebida com cuscuz com ovo ou, se preferisse, o famoso pão vendido pelo homem da moto, que passava gritando:

— ÓOO o PAUMMM, ÓO o PAUMM! – com a cesta descoberta, sem pano nem nada.

Leite de caixinha? Que nada. Lá era leite de vaca, tirado na hora. Confesso que nunca fui fã – acho muito amargo. No almoço, nada de Coca-Cola, Fanta ou Guaraná Antártica. Era cajuína, um refrigerante típico de Juazeiro do Norte, cidade do padroeiro Padre Cícero. Tem gosto de caju, mas lembra o guaraná. O gás é perfeito. Vem em garrafa de 200 ml, 1 litro, 2 litros... Mas a de vidro é imbatível.

Padre Cícero é pratica-



mente uma celebridade por lá. Foi um sacerdote católico que também atuou como lí-

der político no Ceará. Minha avó, por exemplo, todo dia 20 veste uma blusa preta – em luto pela morte dele, como ela mesma diz.

À noite, os velhos e velhas



se reuniam na pracinha. Não para ler ou jogar dominó. Era para falar da vida alheia. Eu ia junto com minha avó, até porque o Wi-Fi da praça era o melhor da região – e olha que era o mesmo para quatro casas.

O fim de semana começava na sexta e só terminava na segunda. Era forró, carneiro, galinha caipira e porco. Comida à vontade. O que eu mais ouvia eram as motos, pilotadas por crianças de 12 anos, sem capacete, indo jogar bola no campo.

Eu pensava: Por que em Ribeirão Preto isso não pode? Cadê as mães dessas crianças?

A verdade é que, às vezes, a própria mãe estava na moto, com mais dois filhos.

Lá, moto é como carro: item de necessidade básica.

Fui comprar carne e logo ouvi: — Você é filha da Galega de São Paulo?

Minha mãe é branca e, como foi morar em Ribeirão Preto, o povo associa com a “grande São Paulo”.

Na rua, o que mais se ouvia era:

— Oxe, mainha!

— Isso não é divera não!

— Eiii, macho! Vem cá, homi, ajudá nós!

Na segunda semana, eu já não falava “diretinho” não. Oxe, é assim mesmo, a gente se apega ao jeito do povo. Conheci o famoso “forró da veia” – aquele em que o cabra chama a gente pra dançar e já acha que é namoro. O mais gostoso era acordar



com o galo cantando, ouvir o som das vacas passando com seus chocalhos e os cachorros latindo ao fundo. O almoço era às 11h, o jantar às 18h. Eu me lembrava que, no interior de São Paulo, às 18h eu ainda

estava tomando café da tarde porque era esse horário que eu chegava da escola e, às 22h, era hora do jantar.

Lembrava também que, quando eu era criança, não podia andar de bicicleta na rua sem a supervisão da minha mãe. Já na Vila do Umari, as crianças brincavam livremente até a hora que quisessem, ali não era perigoso. Era como viver em uma grande família. A maior diferença entre Ribeirão Preto e a Vila do Umari é que lá, o simples valia muito, e “viver” fazia parte da rotina. E, claro, tinha os animais. Eu só conhecia gato e cachorro, mas com a minha avó conheci vaca, cabrito, bode, porco, galinha, pato, sapo e tantos outros que, no Ceará, são comuns como gato e cachorro na cidade.

Aos poucos, virei 100% nordestina e já não queria mais voltar para a cidade em que 80% é prédio e só 20% é árvore. O Nordeste foi boum demais da conta. E se tem uma coisa que eu ainda sinto falta, é do cuscuz, da galinha caipira e da cajuína geladina.



CRÔNICA

A jornada de um estudante: entre a van, o estágio e a vontade de dar conta

BEATRIZ DUZ

O final da tarde chega com um cansaço que não é só físico. Parece que cada minuto no relógio pesa nos ombros de quem tenta manter todas as pontas amarradas. Eu me vejo todos os dias dividida entre o estágio e a corrida para pegar a van que me leva até a faculdade. Vivo entre pressa, pressão e exaustão, tentando construir um futuro melhor sem abrir mão do presente.

Trabalho numa sala pequena na prefeitura de Porto Ferreira, junto com o assessor do prefeito e meu chefe, o assessor de comunicação. O ambiente é frio, tanto pela temperatura do ar-condicionado quanto pelo tom sério

das tarefas. Apesar da rotina familiar, a cobrança é constante: muitos textos, publicações e prazos.



Quando o expediente acabava, corro para casa, pego a mochila, me arrumo e embarco. A viagem até Ribeirão Preto dura uma hora. Escuto música para silenciar a mente e, às vezes, converso com Jorge, o motorista, que sempre tem uma história boa. É um mo-

mento entre mundos: saio do profissional, passo pelo pessoal e chego ao acadêmico.

Foi nessa rotina apertada que um episódio me marcou. Naquela noite, eu apresentaria um trabalho sobre a abordagem sensacionalista de crimes no jornalismo, tema que me interessava muito. Preparei vídeos, recortes e exemplos, mas o tempo da aula se estendeu demais. Se eu não saísse logo, perderia a van — e com ela, o único jeito seguro de voltar para casa.

Com o coração apertado, pedi que meu grupo me representasse. Saí da sala sentindo mais que frustração: era uma impotência difícil de explicar.

Ser estudante, trabalhadora e moradora de outra cidade é mais que uma escolha, é resistência diária.



O que poucos veem é o desgaste emocional e físico dessa rotina. A cobrança do trabalho se mistura com a da faculdade, e há pouco espaço para falhas. Espera-se excelência, pontualidade e produtividade, mas raramente se

reconhece o esforço por trás de tudo isso.

Minha história não é única. É a realidade de muitos estudantes brasileiros que conciliam longas viagens, empregos e estudos. Ainda assim,



seguimos. Mas precisamos de estruturas que nos enxerguem. Porque esforço não pode ser exceção — tem que ser regra.